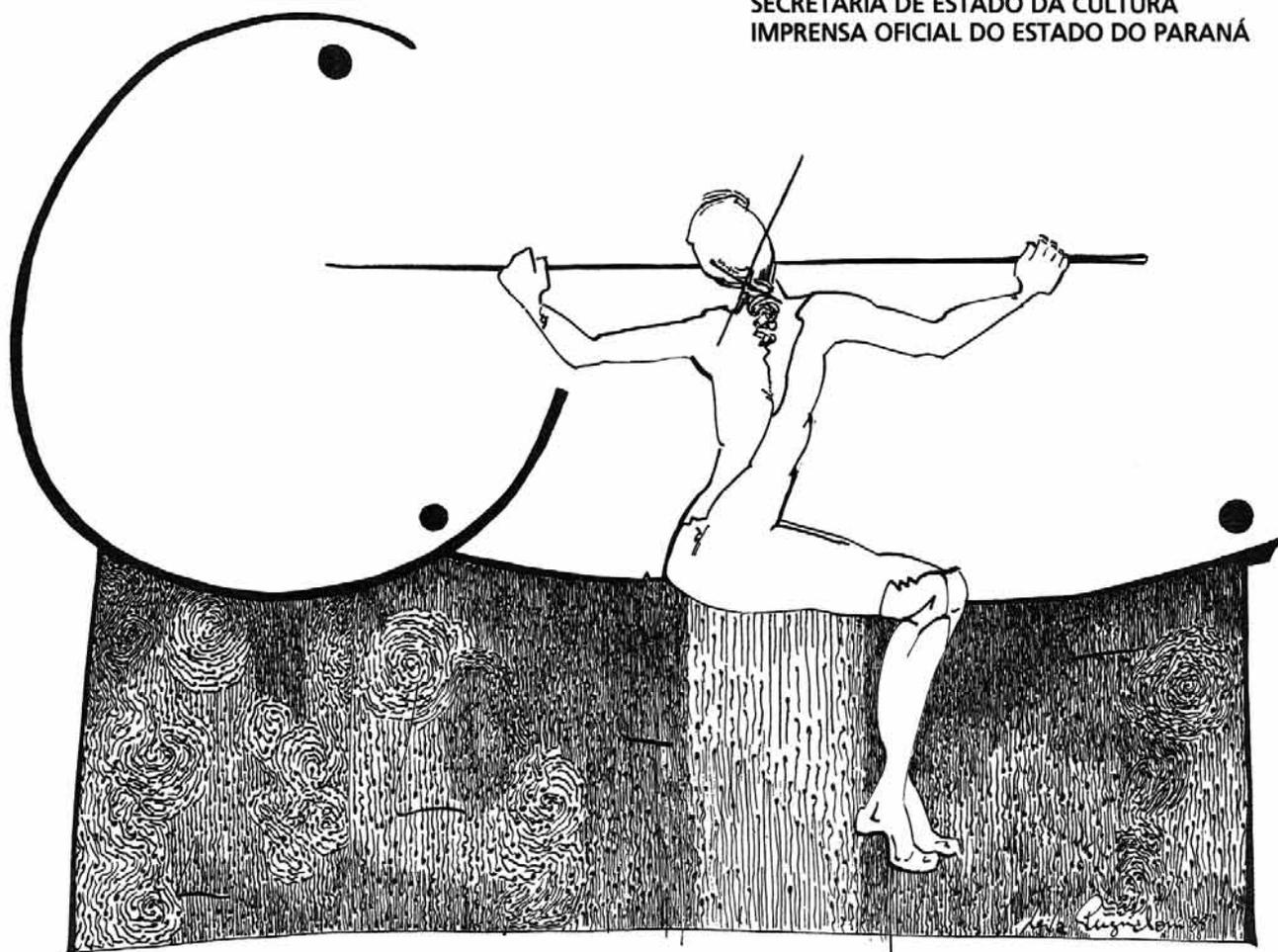


nicolau

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ



ANO I — Nº 9

MARISE MANOEL LEONILDA AMBROZIO NÉLIDA PIÑON ADÉLIA LOPES LEILA PUGNALONI MARTA COSTA VERA VIANNA BAPTISTA DALVA VENTURA TERESA CRISTINA MONTECELLI ZÉLIA SERENO ADALICE ARAÚJO ANTÔNIA SCHWINDEN DÉBORA DIAS ALZELI BASSETTI JAQUES BRAND BERENICE MENDES MARLENE ZANIN MARILÚ SILVEIRA SANDRA FERRARI RAUL CRUZ VILMA SLOMP EDUARDO B NASCIMENTO JOSELY VIANNA BAPTISTA R SUTTIL L STINGHEN ANAMARIA FILIZOLA VERA ANDRION RUI WERNECK JOÃO VIRMOND SUPLYCY CACO RETTAMOZO ORACI GEMBA ALICE RUIZ LUIZ CARLOS RIBEIRO ANITA MALFATTI TÉLIA NEGRÃO WILSON BUENO ALBERTO CARDOSO G AGE TAKO DENISE BANDEIRA NERI SANSORES FRANÇA CONSTANTINO VIARO JOSÉ MARIA SANTOS ALICE VARAJÃO MERCURI ERNESTO BRAND NETO MAURÍCIO MENDONÇA EUCLIDES SCALCO CAMBÉ ROSSE BERNARDI

EDITORIAL

No marco da mulher, mes e marco, *Nicolau* se pretende o vivo referencial da criatividade feminina, bem mais que as discussões, de resto estereis, sobre os dons da equivalência entre sexos, já que — juntos — é que vivemos, em esforçados exercícios, reinventando a aventura humana que sobre a Terra nos foi concedida.

Assim vamos à beira do rio, conduzidos pelo depoimento humaníssimo que Vera Biscaia Vianna Baptista nos concede, partilhando conosco a sensível experiência da medicina da roça, cuidando da vida e erguendo no chão nova cidade humana, vamos na trilha de Adelia Maria Lopes, que recompõe o drama de uma mãe e a funda vivência da agrura, sob o horror da extensa noite sem Deus com que a mais recente ditadura brasileira foi apagando, uma a uma, todas as luzes, seguimos com Alice Ruiz o (necessário) resgate de nosso passado, via Ada Macaggi, uma poeta quase esquecida, uma senhora poetisa, as indesejáveis de Denise Roman são objeto da investigação cuidadosa da crítica de arte Adalice Araújo, Nélida Piñon estreia em *Nicolau* com "Ave de Paraíso", Leonilda Ambrósio recompõe as suas memórias do poeta catalão Salvador Espriu, Vilma Slomp denuncia, através do olho mágico de sua lente, as raras araucárias, Josely Vianna Baptista revela a construção essencial do seu fazer poético, Marise Manoel pontifica, em destaque, com a pura luz de uma vida vocacionada para a poesia.

E há mais, muito mais, no mês em que *Nicolau* registra o trabalho dessas adoráveis companheiras de nosso trânsito pela vida, elas que têm construído, solidárias, com o sangue da veia e o suor do rosto, ao nosso lado, as fabricações do futuro.

Wilson Bueno

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

Governador
ALVARO DIAS

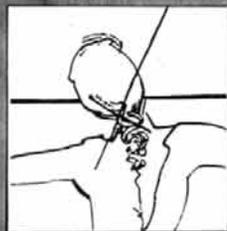
Secretário de Estado da Cultura
RENÉ ARIEL DOTI

Diretora da Imprensa Oficial do Estado
GILDA POLI

Publicação mensal

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

nicolau



CAPA: desenho
de LEILA PUGNALONI

Tiragem: 162.500 exemplares
Distribuição gratuita.

Curitiba, março de 1988
Ano I — N.º 9

Editor
WILSON BUENO

Editora-assistente
JOSELY VIANNA BAPTISTA

Revisão
ZELIA SERENO

Programação Visual
LUIZ ANTONIO GUINSKI
RITA DE CÁSSIA SOLIERI BRANDT
LILIAN BEATRIZ ROTHERT

Redação: Rua Emanoel Pereira, 240
Curitiba — Paraná — CEP 80410
Tel.: (041) 225-7117
Telex: 416245

* Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

* A editora de *Nicolau* se reserva o direito de publicar ou não matérias não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

PAINEL

ALBERGUES DA JUVENTUDE

A idéia se propagou porque vinha de encontro às aspirações de todos os jovens. Aventura e juventude andam juntas, e hoje, aos milhões, rapazes e moças viajam com a certeza de que nos países mais distantes serão recebidos por amigos, que participam do mesmo espírito de fraternidade, respeito às diferenças, inexaurível curiosidade e reverência em face da natureza. A rede internacional de Albergues da Juventude, idealizada no início do século por um bom professor alemão, Richard Schirrmann, conta com quase 7.000 albergues em todo o mundo, dos quais 58 no Brasil. E eles funcionam o ano inteiro, a custos mínimos, tornando possível o sonho de percorrer todos os continentes.

A exemplo de Curitiba e Londrina, que saíram na frente, e já dispõem de albergues muito bem montados, várias cidades paranaenses estão dando sinais de vivo interesse na instalação do seu albergue ou pousada. É preciso que seja um prédio seguro, confortável, rigorosamente saudável, o que não exclui a simplicidade, digamos, de um chalé de madeira. No Albergue da Juventude, os jovens hóspedes cozinham os seus alimentos, lavam a própria roupa, evitam as mordomias que encarecem a hospedagem. Lucros eventuais são canalizados para o fundo patrimonial das associações, para manutenção, construção de novos albergues, reformas e ampliações. Todas as cidades que tenham algo a oferecer à juventude do mundo podem participar, mediante o apoio das prefeituras, das empresas, das escolas que nas férias se transformam em pousadas. Estarei disponível para prestar informações aos interessados na Associação Paranaense de Albergues da Juventude, na rua Padre Agostinho, 645, em Curitiba, ou pelo fone (041) 233-2746.

Ernesto Brand Neto — presidente da APRAJ

OPOSTOS POLARES

Na Física Relativística, o conceito de espaço-tempo propicia a todas as formas estarem em permanente mudança, caracterizando-as especialmente como objetos portadores de massa e temporalmente como processos que envolvem energia. Assim os objetos se relacionam dinamicamente; se interpenetram — se unificam. O próprio presente não é absoluto, comporta passado e futuro simultaneamente.

Para os orientais, yin e yang representam a essência das relações humanas, o princípio feminino e o masculino, opostos polares — a unidade surge de uma interação entre os opostos. "Os verdadeiros espelhos são os do passado", Proust.

Denise Bandeira — artista plástica



O DIA DA MULHER

A discriminação contra a mulher é o mais odioso, o mais antigo, o mais frequente, o mais insidioso e o mais persistente dos preconceitos humanos.

Mas, apesar disto, evoluímos. Conquistamos posições. Na economia, na empresa, no esporte, no lazer. Há mais mulheres até nas ruas da cidade e isto é um sinal de que algo mudou. Há mais mulheres na Universidade e isto é um sinal de que continuará mudando.

Posso então lembrar o suave Martin Luther King: "Certamente não somos o que poderíamos ser, mas graças a Deus, já não somos mais o que eles acham que somos".

Débora Dias — advogada

MULHER E PROFISSÃO

Há alguns anos um grupo feminista francês colocou uma coroa de flores no Arco do Triunfo com a inscrição: Em honra à mulher/ ainda mais desconhecida/ do que o soldado desconhecido.

Desconhecida era pela sociedade em que vivia, pelo homem do qual nem sonhava em ser parceira. Desconhecidos lhe eram seus sentimentos, corpo, sexualidade. Beauvoir espicaçava: "Fecham a mulher numa cozinha e se espantam de que seu horizonte seja limitado; cortam-lhes as asas e lamentam que não saiba voar. Que lhe abram o futuro e ela não será obrigada a instalar-se no presente." Ninguém lhe abriu as portas da revolução. Sua participação na transformação do mundo se insere na luta por uma sociedade mais justa e equânime. Já não lhe podem cortar as asas.

Têm havido acidentes de percurso: o sistema patriarcal injusto, a sobrecarga lar/profissão, a discriminação sexual e salarial. É preciso buscar qualificação no trabalho produtivo para que possa assumir com plenitude e competência seu papel na História. Conquistando espaços e ampliando seus direitos será, sem dúvida, um valioso instrumento para a evolução da própria Justiça.

Alzeli Bassetti — professora

POVO E CONSTITUIÇÃO

A Assembléia Nacional Constituinte que se instalou em 1º de fevereiro de 1987 está cumprindo o papel histórico que a ela estava reservado, quando de sua convocação.

À primeira vista tem-se vendido uma imagem de demorados trabalhos e, com isto, prejuízos para a Nação, em termos políticos e econômicos. Esta versão não é verdadeira.

A perplexidade em que a sociedade brasileira está mergulhada é fruto do período de transição que estamos vivendo. Transição entre o regime de arbítrio e a democracia na sua plenitude, sendo esta somente alcançada quando da promulgação da nova Constituição e, a partir daí, eleições para um novo período presidencial, que espero seja no sistema parlamentarista.

O processo constituinte brasileiro é o mais participativo e democrático de que se tem conhecimento, e graças à participação do povo através das emendas populares, quer pela integração das entidades organizadas nas discussões em subcomissões e comissões bem como, inclusive, ao ocuparem a Tribuna da ANC. Dele surgirá uma Carta Magna que será a verdadeira expressão do perfil da sociedade brasileira. Com toda a certeza, esta Constituição não será o resultado da vontade de cada um de nós, mas sim da média dos que aqui a discutiram e dela participaram.

Tenho certeza de que será tão avançada quanto o momento brasileiro possa admitir nesta hora. E ela corresponderá aos anseios da população.

Euclides Scalco — deputado federal



FEMINISMO NÃO TEM SEXO

"Misses" Friedan está na praça com novo livro. Não deixa de ser comovente observar como, 20 anos depois, e após milhares de sutiãs e preconceitos destruídos, a sistematizadora do feminismo, aos 67, ainda tem peito para denunciar ameaças, discriminações e outros tipos de violências contra a mulher. O mote da nova lufada, segundo ela, está na crise econômica, circunstância

de que os homens se aproveitariam para expurgar as mulheres do mercado de trabalho e da produção social, devolvendo-as à cozinha, à arrumação da casa, ao crochê. Será? Em todo caso, não é fácil ser feminista. Ser mulher, então, nem se fala. Mas o que é ser feminista? Um estado de espírito? Um modo de ser? Uma postura diferente, revolucionária, diante do mundo? Feminismo, pra mim, não tem sexo. Tá cheio de homem que é. Significa, pela minha ótica, viver através de um filtro desmistificador, que desmonta as grandes mentiras que aprendemos a cultivar todos os dias. Não há por que se ter medo de ver as coisas de frente. Ou há? Tem alguém aí que prefere o contário — ver pelo viés, abrir fechando, morder & soprar, ser mas não ser? A esses, só um lembrete, seguido de grande abraço: calma, tchurma — já estamos quase na virada do século.

Marlene Zanin — vereadora em Curitiba



EVAS, AMÉLIAS, MADALENAS

Difícil separar:

Para os amigos é a que frequenta os bares da moda, a felizarda.

Para a família é a que vai criar os filhos sozinha, a coitada.

Para muitos ainda é a disponível.

Vinda da época do amor "até que a morte os separe", difícil conviver com a excessiva individualidade dos dias atuais.

Os encontros nos bares, as conversas superficiais, a imensa solidão.

Nos relacionamentos, a projeção do já vivido, a culpa pela perda do maravilhoso, do idealizado.

Viveu longo tempo voltada para a educação dos filhos, anulou-se muitas vezes como mulher e ser humano.

De repente se vê absolutamente fora do esquema.

Difícil vida fácil onde cada vez fica mais complicado conviver, repartir, confiar em alguém.

Tempo bom aquele em que se curtia um clima romântico ouvindo algo como "One more kiss, dear".

Quem se habilita a atirar a primeira pedra?

Zélia Sereno — revisora



IMAGEM X PRAZER

Temos que nos deixar docilmente levar pelo prazer da imagem como um todo, sentir emoções que nunca seriam possíveis sem um apelo visual.

De um simples título, o programador visual tem a função de elaborar todo o material gráfico. Nada é puramente casual. Tudo se funde em conhecimento de técnica, criatividade e muita sensibilidade. Com isso, tem que compartilhar várias emoções, com profissionalismo, tentando chegar exatamente no esperado, criado por tantas expectativas. Nunca deixar de inovar e não se influenciar por fugazes momentos, o que é muito difícil, pois em cada trabalho vai bastante de si.

Um trabalho positivo que, infelizmente, muitas vezes esbarra no negativismo, no plasma de uma cultura que demora a aceitar o novo.

Teresa Cristina Montecelli — programadora visual

CONSELHOS COMUNITÁRIOS EM CURITIBA

Na vida urbana de uma sociedade como a nossa, o indivíduo só é reconhecido como pessoa através da família, amigos e vizinhos. Na esfera pública tende a ser despersonalizado: usuário, eleitor, homem-massa. Nos movimentos de caráter associativo, a participação de todos e de cada um é valorizada. Todos devem opinar, decidir. E parece estar ocorrendo um processo novo: a constituição de pessoas na esfera pública.

Neste momento é decisivo o papel da ação comunitária, enquanto instrumento que visa a cooperação para ações comuns em torno de questões que afetam determinada comunidade. A idéia é buscar o encaminhamento de soluções indicadas pela maioria da população, assegurar o exercício dos direitos sociais e o controle efetivo da comunidade sobre o poder público.

O município de Curitiba, preocupado com a descentralização administrativa e a democracia, investe nos conselhos comunitários por freguesias.

O papel do conselho é repassar ao poder público a realidade vivida pela população, suas carências e reivindicações. O encaminhamento do processo de formação dos conselhos cabe às equipes de ação comunitária. A finalidade é discutir a problemática de determinada região, considerada no contexto geral da cidade, para que o poder público, num processo reflexivo, possa apreender as aspirações populares e traduzi-las em planejamento no nível local e desenvolvimento.

O conselho deve necessariamente garantir a participação das organizações comunitárias existentes, objetivando refletir os interesses da maioria. A forma de organização do conselho deve corresponder ao desejo da população, podendo se dar por áreas geográficas ou de interesse (saúde, comércio, educação, etc...).

Podem ou não ter estrutura formal. Seu caráter pode ser permanente ou transitório.

O fundamental, entretanto, é que a participação popular se dê de modo crescente nas decisões que afetem a organização econômica, social, política e física da cidade.

Sandra Ferrari Turra — assistente social



A MARCA COMUM DA DÚVIDA

Sentir-se mulher, na especificidade histórica da condição, é cada vez mais invulgar. Via de regra, somos antes profissional, contribuinte, eleitor.

É como se a sociedade de mercado resgatasse o "ser" andrógino, sujeitando todos a uma série de determinações emergenciais: degradação ambiental, contaminação, miséria, propaganda, crime.

A modernidade é guerra. E nela, o sentir feminino, seu olhar, perceber, agir e interferir, traz a marca da dúvida. Que marca também o homem. E que faz com que ambos, frágeis na maior parte do tempo, continuem tentando viver e resguardar o que ainda possa os unir. Não à confusão entre direitos e liberdades. E um brinde, nesse *Nicollau* da mulher, à humanidade.

Berenice Mendes — cineasta

Nós na beira do rio, cuidando da vida



Vera Maria Biscaia Vianna Baptista

Pioneirismo? Será? Tem mais jeito de romantismo. Para mim, pioneiros são o Zé Correia, o João Pereira, que em 1920 abriam caminho na mata, onde nem picada havia! Só febre, mosquitos. E o calor.

(Volto ao passado: sensação boa, de leveza, poesia... sinto-me meio heroína, tipo mocinha de faroeste...)

O avião veio de Curitiba para Londrina. Um Douglas, herança de guerra. Eu e meu nenzinho no colo. A pista de terra. Cheguei de vestido e sapatos brancos que à noite estavam vermelhos. Opó fino, fino, marcou uma época. Terra vermelha. Norte do Paraná. Primeiro de Maio, junho de 1949.

Agora moramos na beira da Represa de Capivara. Um mundo de água. (O sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão.) Plantada no gramado, a casinha da chácara. Da parede envidraçada, vejo a ponte branquinha unindo a cidade com o campo. Desfile de carros, ônibus, caminhões, tratores, colheitadeiras, o dia inteiro. De tardezinha chegam os pescadores com suas varas de bambu e paciência infinita. Quando anoitece é mais bonito, os faróis batem na superfície da água e correm, brilhos no escuro.

Encostando no horizonte, os campos vermelhos imensos, onde o trigo está querendo aparecer e vai formar aquele tapete lindo-verde que balança com o vento. Depois, aos poucos, vai se tingindo de amarelo debaixo de nossos olhos, esperando a grande máquina chegar. E ela vem, imponente, ceifando tudo. É a colheita! Quando termina, mais uma vez, os campos ficam nus, rudes, vermelhos, parados, tristes. Acostumada à sinergia do verde e à dança das plantas, aquela imensidão roxa fascina e amedronta. Sensação de aridez, silêncio, momento de espera, angústia... Não vejo a hora da terra ser rasgada e alimentada para receber as sementinhas de soja. E então tudo se repete: a brotação, o tapete verde-amarelado, a máquina que corta. Nos campos, à noite, as luzes das colheitadeiras em seu moto-contínuo, vaivém, rápidas e ágeis como formigas, procurando ganhar tempo no jogo com a chuva.

"A máquina sempre eu vejo. O homem nunca aparece."

"Você reparou quantos postes no meio da lavoura? São de luz ou telefonia?"

As casas têm antenas de televisão e carros do ano na garagem enorme que guarda também tratores e caminhões. O asfalto que liga o sítio com o mundo facilita a vida. Se a ligação do telefone ainda não foi feita, está em andamento. Casarão na cidade para a família.

"Parece que foi ontem". O jovem casal — ele médico, recém-formado pela Universidade do Paraná, cheio de planos, ela uma elegante curitibana, acostumada ao conforto da capital — deixava para trás as velhas histórias do Primeiro Planalto e, como tantos brasileiros, rumava para o horizonte novo do norte do Estado — onde um novo Paraná se fazia.

A 100 km de Londrina, na cidadezinha à margem do Paranapanema, Milton e Vera Vianna Baptista inauguravam nova fase de suas vidas, dedicadas no dia-a-dia de décadas e décadas ao povo de Primeiro de Maio.

Médico de roça não tem horário — é plantão contínuo, sem exceção de domingos, feriados, madrugadas — e mulher de médico vira também chefe de enfermaria, assistente social, líder comunitária, conselheira para assuntos de toda ordem. Dona Vera aproveita um intervalo em seus muitos afazeres ao lado de Milton Baptista, no Hospital São José, e atende a um pedido nosso: escreva do presente, lembra um pouco o tempo — "bom!" — que foi, os ciclos da terra, o jeito da gente, os caminhos longos do amor e do trabalho.

Jaques Brand

E as árvores, onde estão? Perderam seu lugar para o trigo e a soja? Outras coisas sumiram dos sítios: as colônias, aglomerados de casinhas dos trabalhadores. E a fatura de frutas, ovos, milho verde, mandioca. Não tem mais. Hoje eles moram na cidade e só lidam na terra quando o patrão e suas máquinas maravilhosas não dão conta do recado. Vão então ao campo de trabalho em cima de caminhões, arrematados pelo "gato", que pode ser o Toninho Leiteiro ou o João Abílio. Com sorte, arrumam trabalho na Nova América, usina de cana, distante 100 quilômetros de suas casas. Mas lá tem carteira assinada, ônibus para ir e vir e ganho semanal. Quem não está na plantação de cana, hoje, passa dificuldades. Usaram um herbicida na roça e o mato não cresce. Sem mato não há "carpa" e o dinheiro acaba. A esperança é o "gato" descobrir qualquer coisa para fazer. Gostam muito da lavoura, se afinam demais com a roça. Os bóias-frias são quase metade desta terra, e a terra faz parte deles.

O bóia-fria é um "forte"? As vezes penso nisso seriamente! Quando vejo a Tonha, a Nair, com sua carrada de filhos, lutando, trabalhando sem parar, sozinhas, sem homem, pequenas no seu ganho, alteiras, grandes no seu amor-próprio, gigantes na maneira de viver, de dividir os problemas, a solidariedade com os filhos e os demais, penso na maneira distorcida com que muitos vêem o trabalhador volante e nas oportunidades que eles não tiveram e nunca vão ter de decidir suas vidas.

Fim de semana. Tempo do bóia-fria lavar a roupa, limpar a casa, acarinhando as crianças. Nos outros dias, a tarefa é das quatro da manhã às sete da noite, na roça. E ainda bem que tem. Pior sem!

Fim de semana. O barulho das mo-

tos cortam a cidade. São os filhos dos donos das máquinas e da terra. Estudam em Londrina, Assis, São Paulo, Rio, Curitiba. Vão ser doutores, engenheiros, médicos, dentistas, agrônomos, economistas. Nas férias são eles que manejam os tratores e freqüentam a piscina do Clube Náutico. Seus pais já moraram em casas de palmito, chão de terra batida, água de poço ou mina, cocô atrás do pé de café...

Sim, muita coisa mudou desde que chegamos!

Primeiro de Maio. Norte do Paraná. Junho de 1949.

A gente pegava a "jardineira" em Londrina. O caminho era de terra e já se chamava estrada. Saída por Iporá, passagem por Sertãozinho, e então Primeiro de Maio. Era um túnel de pó, não se enxergava nada. A poeira vermelha, cobrindo tudo. Terra roxa dos cafezais! Dos dois lados da estrada, pés de café lembravam soldados em filas intermináveis, subindo e descendo morros. Estrada, carregado ou picado, tudo era ladeado pelo café: como sentinelas, os pés encobriam a vista, ocultando o horizonte. Só café por toda parte. A mata densa, verde, escura, ainda era soberana.

A "jardineira" parava no ponto: Bar do Jorge, na rua principal. Ali era também o ponto de encontro, onde se falava e sabia de tudo. (Hoje o Jorge não tem mais bar e é o prefeito).

"Médico? Que bom! Há tempo não vemos médico por aqui."

Levaram o doutor até a farmácia do Neno, "farmacêutico" e curandeiro dos bons que foi prefeito duas vezes.

"À noite, vou levá-lo para conhecer o Correia Porto." Era o chefe político local. O doutor foi bem recebido.

"Tem a casa do Alemão que está vazia e ele quer alugar."

No dia seguinte foi alugada e é nossa até hoje. Faz parte do Hospital. E o Hospital faz parte de mim.

A mesa do consultório feita pelo carpinteiro local. Não havia água nem luz, telefone ou banheiro dentro de casa, só a "casinha" lá fora, daquelas de mandava. O fogão era a lenha, que era um tronco inteiro, e eu chorava para cozinhar por causa da fumaça e de raiva da fumaça. O consultório era na sala da frente. Por um lado era bom. Não precisava sair de casa. Dia de chuva, só se andava de bota e com muito cuidado para não cair. O barro vermelho, liso, liso... E a rua era um barro só. Tempo bom! Medicina sem Inps. Quando alguém procurava o doutor, é porque estava doente mesmo. Poucas pessoas vinham ao consultório, o médico é que ia atender aos chamados em casa. A pé, a cavalo, de carrinho, charrete. Automóvel só havia um, "pé-de-bode", e de aluguel. Quase todo mundo morava no sítio. Era um tal de abre porteira, fecha porteira, passa por baixo de arame farpado, pula cerca, veio d'água. O doutor conhece todo o município, todos os cantos, todas as bibocas, todas as porteiras, todos os pastos e riachos que atravessou.

Caso de parto, quando chamavam, já se sabia complicação. As "comadres" que atendiam as mulheres só mandavam buscar o doutor quando não podiam resolver, "não davam conta". Mais de uma mãe morreu antes que o médico chegasse. Quando isso acontecia, iam ao encontro para dizer que não era mais preciso. Havia 56 partos curiosos registradas no Posto de Saúde. Hoje não há mais nenhuma. Todos os bebês nascem no hospital.

O que mais me marcou naqueles dias foi a quantidade de caixozinhos que desfiliavam todas as tardes. Dos bebês que morriam. Eram sempre brancos com fitas roxas. Não havia adultos, só crianças carregavam os anjinhos. Na frente, uma menina com uma pequena cruz, e atrás as outras, com flores nas mãos. Era a fome, o "semioto", a diarreia, o sarampo, a ignorância... Hoje já não há tanta morte. O Centro de Saúde, a Apae e as creches cuidam dos que não morrem, mas crescem (crescem?) magrinhos, desnutridos, fraquinhos da cuca, diminuídos...

Agora, os sanitaristas tentam resolver os problemas de saúde. O Suds — Sistema Unificado Descentralizado de Saúde — veio para funcionar. Estamos envolvidos no processo, e queremos continuar.



ARY FONTOURA

Nicolau — Como todo paranaense, você é daqueles que cultivam suas origens e laços com o Estado?

Ary — *Mais ou menos. Até que não. Considero-me muito mais um paranaense em trânsito... Acontece que me radiquei aqui no Rio de Janeiro, esta cidade que há 24 anos me recebeu de braços abertos. Gosto de viver aqui, meu trabalho é aqui e é aqui que eu quero ficar. Minha família, porém, continua toda em Curitiba. Minha mãe, apesar de seus 85 anos, é a mais lúcida de todos, meus irmãos, enfim, todo mundo. Eu volto de vez em quando para passear, sempre que posso. Agora a cidade está muito grande, não é mais aquela coisa provinciana de antes, mas ainda fica uma certa desconfiança. Não é uma questão de mágoa, mas não tenho mesmo nenhum ufanismo paranaense, ao contrário, a cidade é que deve se orgulhar de eu ter nascido lá (rindo).*

Nicolau — Você tem se apresentado no Paraná depois de tantos anos fora?

Ary — *Que eu me lembre, só com Rasga Coração, que teve sua estréia nacional em Curitiba. Voltei também para gravar alguns comerciais produzidos lá, como o do Bamerindus, por exemplo. Ah, teve também um show de variedades por volta de 72, 73, que rodou o sul inteiro, com Alzita e Manoel da Conceição, mas era tão ruim que até esqueci o nome.*

Nicolau — Como é que o filho de Seu Antonil, um inglês, e de Dona Estelita, uma italiana, nascido e criado na província, se transformou num dos atores mais requisitados deste país, com seu talento reconhecido até no exterior? Conte esta história do começo.

Ary — *Odeio falar do passado, acho um atraso voltar um minuto que seja na vida, mas vamos lá. Acho que estas coisas já estão resolvidas o suficiente para remexer no baú de memórias. O fato é que sempre quis ser ator. Desde bem criança já tinha manifestações artísticas, era assim meio menino prodígio. Gostava de cantar, de dançar, de imitar os outros, de me exibir. Mas nasci numa família pobre. Meu pai era um humilde professor primário que lutava com muita dificuldade para nos segurar. Então, comecei a trabalhar aos oito anos, para ajudar nas despesas. Eu mesmo fui pedir emprego numa fábrica de graxa que ficava na esquina de minha casa, a Solidol, anteriormente chamada Cometa. Desde esta época, sempre fiz coisas que me rendiam algum dinheiro, mas continuava com veleidades artísticas. Cantei na PRB2, num programa da Farinha Alegria. O melhor*

Entrevista a Dalva Ventura

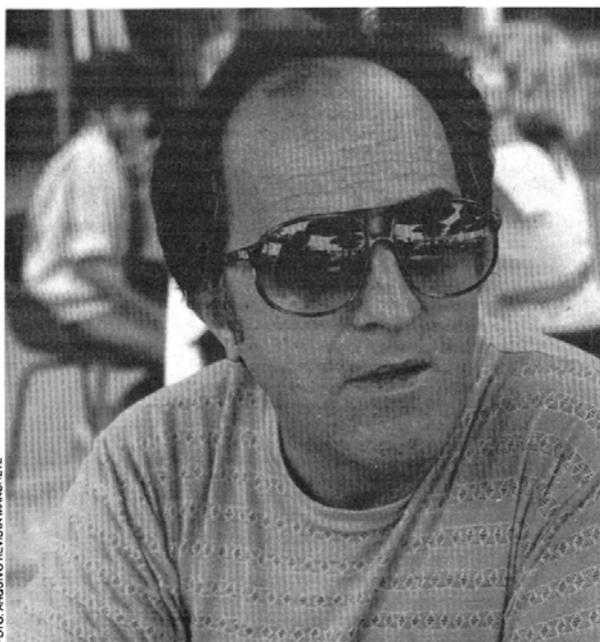


FOTO: ARQUIVO REVISTA MANCHETE

DA PROVÍNCIA AOS PALCOS DA CORTE

Com 55 anos, o curitibano Ary da Beira Fontoura é hoje uma celebridade. Sua fama não conhece fronteiras e ele acaba de ser ovacionado nas ruas de Portugal em reconhecimento por seu desempenho em *Roque Santeiro*, um sucesso jamais visto na tevê lusitana. É a consagração de uma carreira perseguida desde os dias em que, criança muito exibida, já havia escolhido ser ator. Um profissional pontual, educado e sério, que sempre fez questão de resistir à magia que cerca o palco, encarando-o apenas como um ofício qualquer. Ary se faz notar pela força que imprime a seus papéis, seja no teatro, no cinema ou na televisão. E sempre interpretando tipos estranhos e diferentes. Ele não se dá ao trabalho de contar. São cerca de 30 novelas, 40 peças, 20 filmes e sabe-se lá quantos shows.

Ary recebeu Nicolau com muito carinho na platéia do Teatro Tereza Raquel, no Rio, antes de subir ao palco como o *Drácula*, seu mais recente papel no teatro, numa peça em que também assina a direção e a adaptação do texto. "Adoro o Nicolau", ele diz. Com sua memória surpreendente, ele conta em detalhes o início de sua carreira ainda no Paraná. Falando durante horas, rápido, com objetividade e um leve toque de amargura, Ary Fontoura não consegue deixar de ser cáustico ao se recordar da Curitiba de seus tempos, "preconceituosa e hipócrita". Não é sem razão que ele afirma: "Meus anos dourados foram negros".

Pessoa rara, extremamente respeitado e querido em seu meio, dono de uma personalidade ímpar, Ary está aqui de corpo inteiro. E alma também.

calouro ganhava um saco de farinha. Fazia tudo para ser notado. Ouvia atentamente as novelas de rádio — coisa que só mulher fazia, então — interessava-me em saber como elas eram feitas e ficava horas imitando os artistas. Esta foi na verdade a minha escola de teatro.

Nicolau — Sua família apoiava, dava força à sua inclinação cênica?

Ary — *De forma alguma, pelo contrário. Há 47 anos a cidade era muito mais preconceituosa e hipócrita do que agora. Todo homem que queria ser artista era homossexual e toda mulher, prostituta. Então, eu sofri muito, porque, desde guri, jamais tive dúvidas do que queria ser na vida. A reação de minha família foi tão negativa que cheguei a fazer até o 4º ano de Direito por conta disso. Minha infância ainda não foi tão marcada, porque ninguém levava muito a sério, tudo não passava de exibicionismo, achavam. Na juventude, sim, vivi de uma forma aflitiva, pesada e sofrida.*

Nicolau — Como foi de fato sua iniciação no rádio e no teatro?

Ary — *Comecei mesmo no rádio-teatro da Rádio Colombo, com nomes como Ivo Ferro, Sinval Martins, Telmo Faria, lá pelos idos de 1950. Acabei trabalhando também na Guairacá e na PRB2. Tínhamos uma produção própria de novelas, coisa impensável nos dias de hoje. Havia umas tentativas incipientes de se fazer teatro, mas a cidade era cruel demais. Curitiba não tinha sequer uma sala de espetáculos. Até que o prefeito Manoel Ribas construiu um auditório de 800 lugares no Colégio Estadual e surgiu, não se sabe de onde, um português chamado Norberto Teixeira que ensaiava umas peças com a gente. Minha estréia em teatro, verdadeiramente, foi numa opereta chamada "Rosas de Nossa Senhora", com sotaque português e tudo. Eu tinha 17 anos e trabalhava na Rádio Guairacá como radioator. Então, resolvi fundar uma companhia estudantil de teatro, com muitas dificuldades. Ensaíamos uma revista e fizemos Interesse?, que apesar de tudo já tinha um toque profissional. Mas, para realizá-la, veja você, tivemos de dar toda a renda para o diretor do colégio, professor Francisco Gomes Ribeiro, que Deus o tenha. O que este professor pôde fazer para evitar que estreássemos, ele fez. Ele tinha verdadeiro pavor de tudo que se relacionava a sexo, que pudesse se referir, mesmo que de uma maneira longínqua, ao amor. E dirigia um colégio padrão. Coisas do Paraná.*

Nicolau — E então?

Ary — *Eu continuava cheio de planos e ideias. Mas não havia um só lugar onde pudéssemos atuar. O pro-*

fessor Ribeiro não queria nem ouvir falar da gente, dizia que teatro era algo incompatível com seu estabelecimento. Ai descobrimos que no Instituto de Educação havia um auditório, onde as alunas faziam ginástica. Foi falar com a diretora, D. Eni Caldeira, propus a doação de 300 poltronas e jurei que a gente guardaria tudo depois de cada espetáculo, que deixaria tudo limpo. De tanto insistir, ela acabou se convencendo. Estreamos Nãda, de Ernani Fornari. Conseguimos também que um diretor do Serviço Nacional de Teatro, professor Otávio Rangel, fosse a Curitiba nos ensaiar. Enfim, foi um período muito fértil. Tínhamos um grupo empolgante e empolgado, o René Dotti, a Odelaí Rodrigues, Celita Alvarenga e tantos outros. Neste local conseguimos montar Deus Ihe pague, A família do Linhares, Sinhá-moça chorou, A Mulher sem pecado e até Chapeuzinho Vermelho. Fizemos também A importância de chamar-se Ernesto (eu morro de rir só ao lembrar), com as alunas do Instituto. Era A importância de ser honesto, mas o professor Enoy Navarro, que traduziu, julgou que Ernst do inglês era Ernesto e não honesto... Mas, piadas à parte, lá havia uma inspetora — Dona Diva Vidal, escreva aí — que nos odiava, era uma coisa impressionante. O que ela podia fazer para nos prejudicar, ela fazia. Como o teatro estava crescendo muito e a ginástica cada vez mais em segundo plano, ela achava que nós estávamos correndo as mentes das alunas e resolveu tomar uma atitude contra o grupo. Ela simplesmente mandou que jogassem o piano pela janela, junto com todas as nossas coisas. Era em 52, 53, por aí. Eu, como sempre, cheguei cedo para começar a arrumar as cadeiras para a gente trabalhar. Quando vi aquilo, fiquei louco. Sei que peguei uma estatueta para dar na cabeça dela. Hoje seria um assassino, eu ia matá-la mesmo. Quando levantei o braço, algo me segurou. Olhei para trás e não havia ninguém. Não sou crente não, mas até hoje não sei explicar o que aconteceu. Deve ter sido a mão do Leopoldo Fróes, do João Caetano, sei lá. O fato é que ela ficou tão assustada — senti que eu iria acabar com ela mesmo — que deste dia em diante nunca mais se meteu com a gente.

Nicolau — Ainda não havia o Guaira?

Ary — Não. Ele começou a ser construído nesse interim. Começaram a se formar elencos e eu participava, mas queria ser independente. Minha finalidade era muito clara. Eu queria me profissionalizar, mas sobretudo, só pensava em sair. Eu sabia que só poderia crescer profissionalmente se procurasse uma escola, se tivesse um ambiente. Aos 19 anos consegui viajar pela primeira vez. Ganhei um prêmio no colégio e fui participar de um Seminário de Literatura Infanto-Juvenil em São Paulo. Fiquei fascinado, não queria voltar mais. Os laços de família, porém, conseguiram me segurar até aos 32 anos. Foi então que passei a desenvolver uma atividade

artística realmente séria no Paraná. De uma certa forma eu liderava a classe teatral paranaense, fui um dos atores pioneiros de Curitiba, fixando-me definitivamente no cenário da cidade. Mas, desde São Paulo, não havia um só dia em que eu não pensasse em ir embora.

Nicolau — Hoje você lamenta ter ficado?

Ary — Não lamento nada do que fiz na vida. No caso, foi uma fase muito enriquecedora. Eu pensava: já que não posso sair, vou me aprimorar. Eu via de tudo, acompanhava as montagens, via os ensaios. Cheguei várias vezes a pular o muro do Clube Concórdia para assistir às óperas que estavam sendo levadas lá, e eu não podia pagar. Foi, enfim, uma época de muito estudo. Eu lia sem parar, em especial peças de autores clássicos, assinava publicações especializadas. Nos últimos tempos vinha ao Rio e a São Paulo com frequência, gastava todo o meu dinheiro em passagens, conheci Cacilda, Madame Morineau, o TBC... Essa tenacidade me segurou 13 anos — dos 19 aos 32 — preso a meus pais, aos meus amigos, ao meu teatro. Mas não lamento. Tinha que ser assim.

Nicolau — Seu teatro? Que teatro?

Ary — Sim, o Teatro de Bolso, no meio da praça Rui Barbosa, que eu fundei e ajudei a construir. Já havia o Gualra, mas eu queria algo independente, verdadeiramente profissional. Então, atuava nos dois espaços. Eu, Sivalva, Maurício Távora, Odelaí Rodrigues, esta curriola toda. Nós trabalhávamos regularmente, as pessoas recebiam, tivemos peças com um

ano em cartaz. Não entendo porque demoliram o meu teatro. Deixei tudo direitinho, era um teatro com 500 poltronas, um espaço cultural da maior importância. Então, aquele prefeito, o Lerner, mandou derrubar, assim como fez com inúmeros outros prédios que faziam parte da história de Curitiba. Eu realmente não entendo esta política. Depois me convidou para a inauguração do teatro do Bacacheri que eu, evidentemente, não fui.

Nicolau — Como conciliava o teatro com o rádio?

Ary — Ah, era fácil, sobrava tempo. Em 62, começava a TV Paraná e nesta ocasião fui a São Paulo, a convite da direção da Rádio Colombo, para fazer um estágio nas emissoras de TV de lá. Fiquei um tempo na Tupi de São Paulo e quando voltei, passei a ser diretor de teleteatro da TV Paraná. Eu não agüentava mais, porém, de uma certa forma, era difícil escapolir pois tinha tido uma carreira firmada em Curitiba, um negócio pobre, mas vivo. Então fui viajar com Odelaí e um rapaz que tocava piano, como era o nome dele? Bem, montamos um show e rodamos todo o sul. Chegávamos à cidade e anunciávamos no alto-falante e todo mundo ia. Quando voltei a Curitiba fui procurar algo independente para fazer na TV. Foi então que apareceu uma firma, a Companhia Comercial de Imóveis, que estava lançando um empreendimento em Caiobá e topou bancar o Teleshaw CCI, onde, entre outros personagens, eu fazia um tipo que marcou época. Era o Pomposo Ribeiro, um ignorante que queria ser presi-

dente do Brasil. Resumo da história: o Pomposo foi até eleito de verdade, a exemplo do que ocorreu com o Careco em São Paulo. Era uma coisa impressionante. Consegui botar 9 mil pessoas dependuradas, pagando ingresso pra assistir Pomposo, tudo ao vivo. Ele durou dois anos.

Nicolau — Você se inspirou em algum político da época para compor o personagem?

Ary — Não, o Pomposo podia ser um político universal. Talvez houvesse uma pontinha de Getúlio, porque botei a Odelaí, uma atriz negra, para contracenar com ele. Uma referência, talvez, a Gregório Fortunato, o "anjo negro" do homem.

Nicolau — Este foi o seu último papel no Paraná?

Ary — Foi. Quando vi, a televisão estava tomando o espaço do teatro e percebi a tempo que o videotape tomaria também o meu espaço no Paraná. Então, decidi que estava mesmo na hora de partir. Nada nem ninguém me seguraria mais. Minha mãe sempre dizia que eu avisasse um dia antes de ir embora. Foi o que fiz. No dia 30 de março de 1964, comprei minha passagem e no dia seguinte, às 11h30 min, feliz da vida, cheguei ao aeroporto do Galeão, junto com a notícia do golpe militar, de malas e bagagens, disposto a não voltar nunca mais. Mas foi um dia histórico por pura coincidência.

Nicolau — Você afirma que a cidade lhe recebeu de braços abertos. Não foram difíceis os primeiros anos?

Ary — Eu vim com a cara e a coragem, não conhecia ninguém, mas tinha muita esperança e confiava em mim mesmo. Era um pouco daquele sonho dourado que Hollywood botou na cabeça da gente. Sonhava em ver meu nome nos letreiros luminosos, estas coisas. A partir do meu primeiro trabalho, passei a ser respeitado como um bom profissional. Afinal, eu não era nenhum iniciante. Claro que foi difícil, principalmente até surgir uma oportunidade de mostrar o que eu sabia fazer. Só depois de muita luta consegui um papel em Mister Sexo, de João Bethancourt, substituindo um ator. Antes disso fiz mil coisas, fui até cozinheiro no restaurante Rio-Olinda, na rua do Senado. Fui cantor do cast de Carlos Machado por três anos. Isso foi antes de entrar para a Globo, da qual sou funcionário praticamente desde a sua inauguração. Aí segui carreira, com alguns trancos e tropeços, mas, de uma forma ou de outra, sempre com uma intensa carga de trabalho.

Nicolau — Foi fácil entrar para a Globo? Quem lhe contratou?

Ary — Eu era figurante e ficava por ali nas gravações, esperando uma boca. O Daniel Filho estava dirigindo uma novela e me perguntou se eu saberia dizer uma frase, se não ficaria nervoso. Respondi que sim e falei a tal frase. Ao final da gravação ele me procurou e disse que eu não parecia ser um figurante. Então eu lhe falei de minha experiência anterior, dos meus trabalhos em teatro. Daí fui contratado. Até hoje, não parei mais.





Nicolau — Você foi um dos primeiros no Paraná a perceber o alcance do videoteipe, deduzindo que isso iria acabar com as produções locais.

Ary — É verdade. Antes do advento do videoteipe as cidades funcionavam com seus núcleos culturais, cada estado tinha sua vida própria. E hoje? As grandes redes de TV acabaram com toda a produção local. Hoje, até os locutores de televisão do sul e do nordeste falam sem seus sotaques característicos.

Nicolau — Não há uma certa contradição em ser um veterano da Globo e pensar desta maneira?

Ary — Não. Eu apenas constato um fato. E falo de cadeira porque estou lá dentro e conheço a engrenagem da máquina. Sob o prisma da comunicação, o fenômeno das redes é realmente algo fantástico. O que acho é que deveria haver uma dosagem. Uma parte da programação das televisões ser gerada pela emissora matriz, sim, mas a outra, pelas estações de cada estado. Cada uma deveria ter o seu corpo de baile, a sua orquestra, o seu grupo de teatro.

Nicolau — Como tem sido para você o fato de representar quase que exclusivamente personagens excêntricos e neuróticos?

Ary — Gosto muito de fazê-los, não tenho qualquer restrição, ao contrário. O trabalho de composição de tipos me atrai bastante. Acho interessante representar personagens fundamentalmente diferentes daquilo que sou. Claro que colocamos caracte-

terísticas nossas em todo o trabalho que fazemos, ao mesmo tempo em que incorporamos dados dos personagens à nossa própria história pessoal. No entanto, quanto mais um papel me obriga a afastar-me de mim mesmo, mais me sinto gratificado.

Nicolau — Quais os personagens que mais marcaram?

Ary — Depois de Pomposo, no Paraná? Em teatro, sem dúvida foi o bobo que interpretei em Rei Lear e que me deu o Prêmio Mambembe de melhor ator em 83. Mas o povo guarda mesmo os de novela. O Aristóbulo, de Saramandaia, que não dormia há mais de nove anos; o professor Baltazar, de O Espigão, que colecionava cabelos de mulher; o avarento Nonô Correia, de Amor com Amor se Paga; o Ubirajara, de Dancing Days e especialmente o Seu Flô, prefeito de Asa Branca, em Roque Santeiro. Aliás, a novela está fazendo um sucesso tão grande em Portugal que me espantou. O país literalmente pára na hora da novela, é um fenômeno muito maior do que aqui, nunca vi igual. Estive lá no mês passado trabalhando, fazendo shows em cassinos. E passei pela maior consagração da minha vida por causa disso. Foi na cidade de Povoá do Varzim, perto do Porto. Nada menos que 85 mil pessoas pagaram ingresso para me ver, gritavam meu nome, desfilaram em carro aberto, uma loucura. Lá, pelo menos, posso dizer que sou um ídolo popular.

Nicolau — Como é que você constrói seus personagens?

Ary — Andando na rua, pegando ônibus, freqüentando lugares populares, como a arquibancada do Maracanã. Assim consigo uma verdadeira galeria de tipos brasileiros dos quais lanço mão ao compor um novo personagem.

Nicolau — O assédio popular, o fato de ser reconhecido na rua, de dar autógrafos, não é constrangedor para uma pessoa como você?

Ary — Faz parte da profissão, é, como dizem, o preço da fama (rindo). Você invade a casa das pessoas pela tela, aí depois tem de atender. Eu sempre dou atenção, não fujo do povo. No Maracanã, por exemplo, logo que me reconhecem jogam mil bolinhas de papel nas costas e na cabeça, me chamam pelo personagem do momento, mas quando o jogo começa eles param. Aí eu vejo que não sou mesmo importante, sou um cidadão como outro qualquer.

Nicolau — O sucesso nunca subiu à sua cabeça?

Ary — De jeito algum, o que eu nunca fui é besta. O sucesso só sobe à cabeça dos que não têm personalidade, dos que não cultivam a humildade. Hoje sou apontado na rua, sou famoso, até. Mas tudo isso é fruto de quê? De muito trabalho, de muita luta. Apenas isso. Sempre fui um desbravejador de caminhos, pela minha própria profissão.

Nicolau — Você está rico, Ary?

Ary — Não, não dá pra parar. Também, só quem pode parar é presidente da República, governadores e de-

putados. Tenho minhas coisinhas, tá tudo no imposto de renda, direitinho. Mas sou um batalhador, um trabalhador braçal. Teatro nunca deu dinheiro a ninguém. Televisão poderia dar, mas a concorrência é muito grande e o mercado, pequeno. É difícil chegar ao ponto em que cheguei, mais difícil ainda é permanecer sem perder a qualidade. Não tenho do que me queixar. Vivo com conforto, tenho boas amizades, tudo adquirido através do meu esforço e que por isso mesmo são tão valorizadas.

Nicolau — E sua carreira como escritor, como vai?

Ary — Eu insisto, porque escrevo por prazer, mas, de um modo geral, as pessoas não gostam muito. Orgulho-me principalmente da peça A Pequena Notável, que conta a trajetória de Carmen Miranda. Foi transformada em show e encenada por Marília Pera. Tenho outras na gaveta e a mais recente e querida é Quem tem medo de Janete Clair, história de uma família do sul desencontrada em suas aspirações.

Nicolau — Como você encontra tempo para fazer tudo isso e ainda escrever?

Ary — Eu não tenho pressa. Aproveito meu tempo o máximo que posso. Em época de gravação é uma loucura, não paio um minuto. Mas em períodos de entressafra, dá para refletir, para sentar e escrever, ouvir música, ir ao cinema, enfim, fazer as coisas boas da vida. Sou um homem absolutamente comum. Faço supermercado, pago conta em banco, vou ao barbeiro. E, sempre que posso, corro para o meu refúgio em Araruama, onde tenho meus oito cães, minha piscina, meu quintal. Outra coisa que adoro é viajar, principalmente para os Estados Unidos, Europa, Argentina e Paraná. Aí gasto tudo o que acabei de ganhar.

Nicolau — Por falar em coisas boas da vida, como anda o amor?

Ary — Ah, o amor é uma utopia que, além do mais, custa muito caro. Não acredito na convivência, acho que a rotina mata o amor. Eu sempre digo que a felicidade conjugal tem três andares: no primeiro andar, eu moro, no terceiro, você mora e no segundo, a gente se encontra. Já viu que pelo BNH não dá, né? Eu mal consigo pagar um compartimento, quanto mais três...

Nicolau — E a política?

Ary — Atualmente tenho aversão a tudo que se refere a isso. Estou completamente desesperançado. Não vejo um só jovem, com exceção do Gilberto Gil, que vai se candidatar a prefeito de Salvador; pensando seriamente em reformular este país. Faço parte dos 130 milhões de brasileiros que não acreditam em mais nada. Os políticos são um bando de profissionais. São atores, deveriam trabalhar em teatro, melhor do que eu.

Nicolau — Planos para o futuro?

Ary — Não tenho. O futuro é hoje. O passado já foi embora, não volta mais. Graças a Deus.

Daiva Ventura é jornalista da Bloch Editores no Rio de Janeiro.



Quando eu fui para o Chopim
as coisas não eram assim.
Com muito custo e tardança
subia a Serra da Esperança.
E se tivesse asas voava
de Palmas a Guarapuava.

Menino, em Morretes, onde nasceu,
filho do tamanqueiro Isidoro, seu
primeiro mestre de poesia, Alberto
Cardoso levaria pela vida afora
o gosto pela palavra pronunciada.

Atirei um limão verde
por cima da sacristia.
Deu na rosa, deu no cravo,
deu na moça que eu queria.

Versinhos, quadras ligeiras
que alguém um dia inventou
e passou adiante, trouxeram
o poeta para as raízes da poesia:
raízes aéreas, porque — todo mundo
sabe — isso de escrever poesia
é coisa de gente letrada.
Desde os gregos de Homero,
o povo sempre disse a poesia.

Muitos anos mais tarde, na Paulicéia,
dono de bar, Cardoso seguiria
atentamente a eclosão do Concretismo,
das suas cisões, derivações, antinomias.
Incorpora alguns aportes técnicos
das vanguardas, mas, em pleno experimenta-
lismo gráfico, não deixa de declamar,
o bar sempre cheio.

Um belo dia, os filhos crescidos,
larga São Paulo e volta ao paralelo 25.
Aqui, abre um bar. É a fase da Praça
Espanha, a esse tempo uma espécie de base
da *juventude transviada*, os *rebeldes
sem causa* que lhe inspiram um dos
poemas mais tocantes: *Asas Partidas*.

Longo se alastra pela cidade a notícia
do velho poeta que declama. Nova fase
do bar, agora na rua Visconde de Nácar.
O bar do bardo Cardoso vira centro
da boemia das letras, das artes, da
política alternativa. E a terceira sede
- atual - já é junto à União Paranaense
dos Estudantes, na rua Carlos Cavalcanti.

A noite é criança, o movimento
não pára. De mesa em mesa, enquanto
os filhos Gil e Nei tocam a rotina
da casa, Alberto Cardoso faz aquilo
que mais ama: diz, em cadências que
levam longe, a poesia aprendida
no caos do mundo.

Retorno

Alberto Cardoso

- I. Voltei. Já se passara tanto tempo.
Nada mudou — exceto as personagens.
A lembrança da infância me sorriu.
Contemplei, da janela da cozinha,
aquela goiabeira, onde brincava.
Parecia brindar-me com seus frutos,
como que num agrado voluntário,
como sempre fazia, antigamente.
De repente, cantou lá no quintal
um pássaro feliz, me distraindo.
Volvendo meu olhar àquele canto,
vi — vi nitidamente o amor primeiro:
tinha nos lábios um sorriso puro.
Será? Não, ela há muito já partiu!
- II. Os morros, tão altivos, ali estavam.
Mais próximos, mais belos e mais verdes
e os pássaros cantavam como outrora.
O repicar dos sinos, lá na igreja,
refletiu no meu peito já saudosos:
— muitas e muitas missas se passaram.
O rio, onde nadava, o mesmo rio,
sentiu minha presença, e suas águas
límpidas convidaram-me a nadar.
A casinha... de estuque e de madeira,
e madeira de lei, como dizia
o velho... ah! o meu velho! estava triste.
Ouvi uma voz. É meu irmão, pensei.
Qual deles? porque poucos me restavam,
pois o tempo, esse autoritário tempo,
ia sem consultar ceifando todos.
Nada mudou — exceto as personagens.
- III. Voltei trazendo a mente repartida:
plantações de automóveis e de milhos,
bomba atômica e rudes cavaleiros,
homens plantando roças e foguetes,
máquinas a vapor e homens na lua,
matas virgens e matas de concreto,
ar poluído e ar purificado,
jovens no vício e jovens no trabalho,
filhos com pais e filhos simplesmente,
bebês das mães e dos laboratórios,
gente feliz e triste e gente e gente.
- IV. Da busca em mananciais, talvez mais puros,
em outras plagas, nada consegui.
Voltei com meus cantos todos vazios.
Nas fontes literárias e didáticas,
busquei verdades e filosofias
para aplacar a sede que sentia;
mais sedento e com a mente mais vazia,
voltei,
voltei saudosos da querida infância,
tão perto estava o que buscava tanto
e a grande sede se aplacou então.
Nada mudou...
Nada mudará — exceto as personagens.

Alberto Cardoso, poeta, dono de bar, é autor de *Poemas* (Feira do Poeta/Fundação Cultural de Curitiba, 1986). Participou das antologias *Coletânea da Casa do Poeta do Paraná* (1983) e *Felicidade Inventor* (1985).

Retorno

A LOUCA DO TÚNEL DE MARÇO DO MEU PAÍS

O mês de março de 1964 encontrou dona Julybia Jupyra Barreto de Faria atarefada com os quatro filhos da casa, todos com garbo, trajando o uniforme do Colégio Militar do Paraná. Outros marcos encontraram esta mesma senhora perambulando por quartéis em busca de seus quatro filhos: "Penso que sou a única mãe brasileira que matriculou quatro filhos no Colégio Militar e que teve todos eles presos pelos militares. Comigo tudo é exagerado."

E neste março de 88, na mesma casa de madeira rodeada de abacateiros e goiabeiras, em plena área central de Curitiba, e onde derramou seu pranto e dali partiu decidida a lutar pela liberdade dos filhos, esta mãe rememora aqueles tempos. Nascida na cidade catarinense de Laguna há 69 anos, antes de mais nada ela compara: "Já lutei mais que Anita Garibaldi".

Peço a palavra na plenária do teu coração sou um homem pequeno na tua solidão

Viúva do jornalista Rômulo da Costa Faria, dona Julybia fazia então o curso científico (entre os professores, a filha Vitória), cuidava de duas netas como tutora (a filha mais velha havia falecido) e dos seus "meninos" quando, em 1969, o primeiro dos quatro filhos caiu preso. Era Hamilton Faria, hoje com 39 anos fazendo mestrado de Literatura na Europa e poeta dos versos que bordam estas páginas e que emprestam título à reportagem.

Um telefonema anônimo avisava esta mulher, que havia sepultado os adolescentes sonhos de cantora de ópera para ser tão somente mãe, da prisão do filho, por suas ligações com a AP (Ação Popular).

"Deixei o tanque com as roupas sujas e corri para o quartel da praça Rui Barbosa. E, assim, por seis meses fui levando a vida: de manhã no tanque, à noite no curso científico e à tarde sempre deixando no quartel uma jantinha boa para o Hamilton, antes de levar umas verduras da horta de casa para a minha cunhada."

Mas um dia dona Julybia fez uma troca impensada: levou o lanche de Hamilton para a cunhada e deixou os chuchus verdes com o carcereiro. Quando foi visitar o filho soube que aqueles chuchus causaram o maior transtorno no quartel: foram literalmente dissecados. Afinal, por ser muito estranho legumes verdes atrás das grades, poderiam conter alguma mensagem, esconder alguma bomba...

Dona Julybia ri do episódio ao recordá-lo e serve mais um licor de uvas. Agora sua feição fica séria, pois vai se lembrar de um dia bastante cruel:

"De repente o Hamilton desapareceu. Nenhum amigo sabia dele, nenhum militar me dava informação de seu paradeiro. Corri de delegacia em

Reportagem de Adélia Maria Lopes

Julybia Jupyra Barreto de Faria é uma das muitas mães brasileiras que protagonizaram a luta por seus filhos presos no pós-64.

Este depoimento prestado a Adélia Maria Lopes integrará um dos textos do livro "Resistência Democrática", coordenado pelo jornalista Milton Ivan Heller, em que é documentada a memória da repressão e da resistência em território paranaense. O livro deve ser lançado em abril, pela Secretaria da Cultura do Paraná.



FOTOS: LUIZ STINGHEN

Julybia Jupyra, quatro filhos no Colégio Militar e os quatro presos no pós-64: "Comigo tudo é exagerado"

Julybia e a cruz que fez entrar na prisão: uma questão de fé e coragem.

delegacia, de quartel em quartel. Lutava sozinha com Deus em busca do meu filho. Rezei na cruz, pedi inspiração. Fazia quase um mês que eu, mãe afiita, estava sem notícias de meu filho. Até que invadi o quartel-general."

Comandava então a 5ª região militar o general José Campos de Aragão, que, boquiaberto, assistiu à entrada de uma desesperada mulher em seu gabinete quando mantinha uma reunião com seu Estado Maior. "Não queriam que eu atrapalhasse a reunião, mas assim que abri uma portinhola entrei no quartel e pedi conta do meu filho ao general Aragão." E ela disse ao comandante:

"Não vou descansar, vou correr mundo até vocês me darem conta do paradeiro do meu filho. Não tenho dinheiro, nem marido. Mas vou lutar. Escreverei para uma jornalista na Alemanha denunciando o sumiço do meu filho. E percebi então que eles tinham medo de jornalistas que escreviam no estrangeiro. Então dei um prazo de 24 horas para ter informações do Hamilton. O general chegou a dizer que não tinha como saber e eu perguntei: aqui não tem rádio? Pois então passe um rádio para Brasília, para todos os quartéis. O general Aragão ainda me disse que esses jovens fazem tudo errado e as mães vêm aqui chorar. E respondi: se meu filho está errado, a história é que dirá."

curva século assim com todos os teus ossos de agonia e de esperança com todos os teus quartéis de ódio

Dado o recado ao general, no dia seguinte dona Julybia recebe, em sua casa de madeira, a esposa de um coronel, dando conta de que o filho preso estava são e salvo. Mas não informava o local. De qualquer forma era um consolo saber que Hamilton estava vivo. A informante, contudo, aconselhava a mãe a não procurar o filho.

Qual o quê! Pela conversa de amigos dos filhos e dos próprios filhos, ela passou a desconfiar de que Hamilton estaria preso na Ilha das Cobras, onde, por sinal, o marido esteve preso também por questões políticas quando era jornalista.

Sua intuição estava correta. Seguiu ao Rio de Janeiro com uma carta a recomendando a padres e freiras. A carta ela obteve com o arcebispo de Curitiba, D. Pedro Fedalto. "Mas no Rio de Janeiro todos tinham até medo de mim. Nem dormir no banco da igreja me permitiam. O engraçado é que não encontrava ninguém que pudesse me informar até mesmo onde ficava a Ilha das Cobras", recorda-se. Até que um estranho deu a informação. Mas na hipótese de não poder se avistar com o filho, levou uma carta para entregar no Ministério da Marinha.

Pois dona Julybia conseguiu que levassem o filho da Ilha das Cobras — para que ela pudesse vê-lo — a uma sala do Ministério da Marinha. "Ele estava magro e fui logo dizendo: como você foi torturado! Dizia então: meu filho, como você está nervoso, não pára

de piscar. Por que você está piscando tanto? É nervoso, te torturaram muito. Eu não sabia que ele estava piscando para me informar que tinha gravador escondido", sorri esta mãe lembrando de sua ingenuidade. Mas agora, feliz: "Torturaram muito meu filho. Mas ele virou poeta e na prisão escrevia poemas para os soldados dedicarem às suas namoradas. Meu filho é poeta. Deus é muito bom".

*curva século
assim
nesto outubro
está passando uma mulher
em teu tempo, século*

Ainda nesse episódio no Ministério da Marinha, após ver o filho, dona Julybia ficou em seu interior por quatro horas. É que a carta que havia escrito ao filho, e que acabou entregando pessoalmente, tinha um conteúdo muito acusador para ser de sua própria autoria. Dizia a mãe na carta: "Este mesmo Exército pelo qual você desfilou nas ruas e que eu orgulhosamente assistia nas paradas está te torturando". Os militares queriam assim confrontar sua letra e pediram que ela escrevesse outra carta. Declarando-se morosa em suas correspondências, dona Julybia repetiu os dizeres da carta anterior, "mas levei quatro horas escrevendo, dando um trabalho maior para eles."

Quando seqüestraram o embaixador suíço, os presos da Ilha das Cobras ficaram sem receber visitas. Menos o Hamilton. Dona Julybia tirou os sapatos, ficou descalça andando sobre as pedras até sensibilizar os carcereiros. Estranha intuição de dona Julybia: seus pés descalça causaram emoção ao sentinela.

Certa vez ela tentou ver o filho dois dias seguidos pois Hamilton queria que a mãe fosse portadora de um bilhete para o irmão, preso em Curitiba. Enquanto esperava a resposta, ela fez um sinal cabalístico sobre sua cadeira. É um sinal que traz o número 13 após as letras p e c, que dona Julybia prefere esconder o significado, pois é título do livro de memórias que está escrevendo. No entanto, um militar entendeu que aquele gesto significava PC do B e não PC 13. Ela só soube disso quando mais tarde um amigo de seu filho contou-lhe que ao ser torturado tentaram arrancar a informação de que dona Julybia era comunista do PC do B.

Julybia Jupyra, de descendência indígena pela linha materna, é católica fervorosa. Onde vai leva uma cruz que trouxe de uma viagem a Jerusalém. Esta cruz ela levou para Brasília, com um grupo de mães do Colégio Militar de Curitiba, quando João Goulart era presidente. Elas queriam, e conseguiram, evitar o fechamento do colégio na época.

Essa mesma cruz dona Julybia levou para a Ilha das Cobras para abençoar o filho. "Mas o soldado me devolveu e eu fiquei indignada com eles: como podem ter medo de dois pedaços de madeira?!" Ela, entretanto, conseguiu entrar com a cruz, pois num descuido, o símbolo foi parar por baixo de suas saias. "Levei a cruz para todos os presos e disse para que a segurassem que



assim eles seriam libertados. Todos se chegaram a ela. Não sei se tinham fé, mas todos os presos passaram a mão na cruz e um mês depois estavam livres. Me mandaram tantos abraços..."

Hamilton Faria foi julgado e condenado em 1971, mas foi libertado porque o tempo que esteve preso era superior à sentença. Era ainda 1971, Hamilton não havia sido julgado, quando os outros três filhos de Julybia foram presos em Curitiba, também em consequência da detenção do irmão e acusados de participação da AP. Os três ficaram 53 dias presos até o julgamento que os inocentava. Em plena audiência na Auditoria Militar na praça Rui Barbosa, Julybia Jupyra interrompeu a promotória, indignada: "Meus filhos são inocentes." No dia seguinte ela pediu desculpas ao promotor já que o advogado de defesa, após a sessão, a repriminou pela interrupção. No entanto, ela pensa com seus botões se seu clamor não ajudou na absolvição.

Se este foi seu comportamento em pleno julgamento, pode-se imaginar sua conduta nos quartéis. "Ah, eu ia todos os dias, pedia notícias, mandava carta, lanches. Ficava louca quando os homens mudavam os presos de delegacia e não davam os paradesiros. Por causa do chuchu, contou meu dentista que tinha um coronel como cliente, quase fui presa. Mas eu não dava sossego mesmo. Tanto assim que um dia chamaram minha filha Vitória para depor no Dops mas logo o delegado foi avisando para ela: não precisa chamar sua mãe."

Afinal, Julybia não se conformava: "O Sérgio foi preso ao se apresentar. O Daniel levou coronhadas dentro da escola para entrar numa Rural Willys verde e tinha só 15 anos. O Paulo foi preso no trabalho e tinha 19 anos." Número do processo: 611. Hoje, esta mãe suspira de orgulho: "O Hamilton é poeta, mas escreva aí: é poeta. O Sérgio é compositor (o pai de Julybia era músico, Júlio Barreto, e é de sua autoria o hino do PTB) e pós-graduado em Educação Artística. O Paulo é diretor técnico da FAE. A Vitória é mestra em Educação."

*Em teu tempo que trata e que maltrata
Em teu tempo que chora e que devora
Em teu tempo que segue e que persegue
Em teu tempo que volta e que revolta*

Já não há mais licor de uvas. Alguns dos nove netos invadem a sala, mas dona Julybia está lendo em voz alta o longo poema que o filho poeta lhe dedicou. Ela não interrompe. No meio dos papéis estão alguns manuscritos do futuro livro. Madrugada adentro, Julybia Jupyra escreve. A escrita, uma vocação, outro sonho como ser cantora de ópera, interrompido por causa dos filhos. Quando Hamilton Faria estava na Ilha das Cobras ela concluiu o científico e decidiu fazer vestibular no Rio de Janeiro, para ficar mais perto do filho. Passou em Jornalismo. Mas antes que o ano letivo se iniciasse, Hamilton foi julgado. No Natal de 1971 todos os filhos estavam libertos e em casa. Assim, ela não aguardou a vaga na faculdade e ficou em Curitiba para seus afazeres

domésticos. "Estas prisões me atrapalharam muito. Sofri muito, viajei muito. Depois de 40 anos eu voltava a estudar, mas acabei optando pelos meus pobres e pelos filhos. Mas vou escrever um livro. Há 20 anos venho escrevendo minhas memórias."

Um segundo general vai entrar nessas memórias. O primeiro foi o general Aragão, quando Hamilton foi levado às escondidas dos familiares de Curitiba para a Ilha das Cobras. O segundo general surge quando os três filhos são presos sem direito a visitas:

"Aí fui falar com o seu Erondy Silvério, meu vizinho, para pedir conselho, pois ele era da política. O Erondy não se opôs a que eu procurasse o general Airton Tourinho. E fui ao quartel-general. Disse então ao comandante que os rapazes eram inocentes. Então ele permitiu que as mães vissem seus filhos."

No Dops, dona Julybia percebeu que o filho Paulo estava com dor de dente e que Sérgio dormia no chão. No outro dia, ela passou pela delegacia e deixou na portaria aspirinas e a Bíblia, recomendando: "Doutor, meus filhos precisam ler a Bíblia todas as noites antes de dormir."

Em seguida ela viajou, pois recebeu um recado de que também poderia ser presa — "e mãe presa não pode ajudar os filhos". Ao voltar, sua filha Vitória foi-lhe avisando já na Rodoviária: "Os meninos decoraram todos os Salmos". Sérgio recorda-se hoje: "Aquele Bíblia era tudo o que tínhamos para ler. Nem acreditávamos que a Julybia havia conseguido pôr um livro dentro da prisão. Li como um documento histórico." Ela não se importa se os filhos têm apego ou não à religião. Ela tem de sobra. Ficou doente com a prisão dos filhos: três meses de tosse nervosa. E seu apego era a igreja, a Bíblia e a cruz, "minha arma". "A quem eu podia apelar, se não a Deus, quando a minha casa foi ficando vazia, ausente de meus filhos? Além disso, mesmo após a libertação eles perderam emprego, não podiam sair do país, era um sufoco." Sem contar os refugiados políticos que passavam por sua casa, em busca de pouso ou de comida.

Na época, recorda-se ela, não havia um grupo aberto de solidariedade aos presos políticos e nem havia surgido o Movimento da Anistia. "Era eu sozinha mesmo, batendo na porta dos quartéis. E hoje a história responde àquele general".

*Curva século
assim
está passando uma mulher
uma simples mulher
que devastou os teus subterrâneos
para permanecer na tua carne
na tua saliva
no teu ventre
e ensinar a grande vida que precisamos
É uma mulher
Loça de la Plaza de Mayo
Louca do túnel de Março
de meu País.*

Adélia Maria Lopes é jornalista

DENISE ROMAN: indeseñarias

Adalice Araújo



Denise Roman pertence à novíssima geração de gravadores paranaenses que freqüentam a Casa da Gravura do Solar do Barão.

Tendo se matriculado em 77 no curso de pintura da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, interrompeu os estudos formais para, nos anos de 78, 79 e 80, residir por longos períodos em Cochabamba, na Bolívia, experiência fundamental em sua futura produção, já que costumava passar horas e horas sentada em feiras e mercados, documentando através do desenho a profusão de *criollos* em seus trajés e chapéus característicos, objetos, animais, verduras e frutos. Isso lhe permitiu exercitar livremente o grafismo e a imaginação.

De volta a Curitiba inicia-se em gravura com Fernando Calderari, Uíara Bartira e Orlando DaSilva, tendo-se identificado, de imediato, com a litografia, por ser um processo que permite uma mobilidade maior do desenho, texturas e transparências, e por facilitar a circulação da obra, sem o elitismo da peça única.

Entre os trabalhos que desenvolveu, destaca-se a série para o livro de contos infantis *O Senhor das Anéis*, de Tolkien, em que apresenta duas versões de cada litografia: uma em preto-e-branco e outra colorida, manualmente, com lápis.

Seu grande poder imaginativo leva-a a sair do prosaico, para se impor como uma artista independente, longe de correntes, vanguardas e transvanguardas. O registro fotográfico e a contestação são substituídos pela narração poética.

Embora seu trabalho parta de uma estrutura simples, é muito rico em detalhes. Ela

cria um cenário de fábula, jogando o tempo todo com sugestões de realidade e irrealidade, materialidade e imaterialidade.

Os elementos que usa são seres humanos mágicos: *hobits*, duendes, crianças ou até mesmo pessoas de seu universo cotidiano — Ivens Fontoura, seu professor de composição na Embap, ou Maeve Barbalho, sua colega de curso, transfigurados em ciganos e magos, que nos recordam os personagens de *Cem Anos de Solidão*, de García Márquez — mesclados a quinquilharias, objetos, vegetais e animais adotados por seu simbolismo, ou associados a experiências profissionais, casas que se abrem mostrando-nos seu interior, bosques e clareiras.

Embora adotando uma maneira tranqüila de representar, usa truques de prestidigitador, jogando com um espaço imaginário onde a fantasia infantil brinca de sensações ilusórias. Os seres perdem suas qualidades concretas para, em uma interpenetração poética dos planos, tornarem-se transparentes: copas de árvores podem metamorfosear-se em chapéus significando os instrumentos receptores das influências mágicas, sob as quais as crianças brincam; ou, ainda, dentro de uma característica típica de García Márquez, cria-se a possibilidade mágica da reversibilidade do tempo.

Assim, suas personagens, vestidas com roupas anacrônicas e extravagantes, com tecidos de ricos ornatos geométricos que denotam sua procedência oriental, transportam-nos à Idade Média e ao Renascimento — ao clima feérico das miniaturas do *Livro de Horas*, das *Trés Riches Heures* ou dos afrescos simbólicos, poéticos

e detalhistas do Palácio Schifanoia de Cossa. Foram certamente gestadas na sua experiência boliviana, como, aliás, o confirma o uso constante dos rostos com faces largas.

Em muitos casos Denise dispõe as composições em faixas horizontais, ou em fileiras, formadas por essas suas tão estranhas personagens que, ora absortas, ora tranqüilas, alegres ou preocupadas entram e saem, vão e vêm, da direita para a esquerda, e vice-versa, criando uma dinâmica que, apesar de seu ritmo compassado, consegue ultrapassar os limites do papel.

Também o cromatismo melódico que cria lembra músicas e danças medievais e renascentistas. Isso talvez se dê pelo fato de ser muito ligada ao Grupo de Música Renascentista que se reúne no Solar do Barão, onde Denise costuma trabalhar. Assim sendo, freqüentemente executa suas litos ao som das músicas que ensaiam. Aliás, sua ligação com o Grupo é tão grande que ela criou toda a programação visual — cartazes e cenários — do 1.º Encontro de Música Antiga do PR e da Feira Renascentista realizados em Curitiba. Enquanto os participantes do Grupo tocavam, dançavam e cantavam, ela tecia coroas de flores silvestres para as pessoas colocarem na cabeça: gesto típico de uma artista que encara com simplicidade e com um sorriso o ato de criar, e para quem o objetivo da arte é fazer ressurgir, no adulto, a criança que existe em cada um de nós e que a massificação, a tecnologia e a linearidade da vida tentam sufocar.

Adalice Araújo é professora titular de História da Arte na Universidade Federal do Paraná e membro da Associação Brasileira e Associação Internacional de Críticos de Arte.

Diversas son las hablas y diversos los hombres, y convendrán muchos nombres a un solo amor.

Passei tanto tempo ignorando a existência de Salvador Espriu. Aconteceu... circunstâncias... Constatado, porém, que mesmo hoje quase ninguém o conhece. Quando cito o seu nome me perguntam: Salvador, o quê?

O poeta, nascido em 1913, era catalão e, conseqüentemente, espanhol, mas um espanhol diferente, com outra língua, amargado em seu reduto, espaço dos derrotados, em uma Catalunha antifranquista.

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) havia sido uma experiência dolorosíssima para Salvador Espriu. Ele era radicalmente contra qualquer confronto, contra a luta entre irmãos, contra aquela guerra absurda. Tinha consciência de que fosse qual fosse o resultado seria o fim do respeito mútuo, da tolerância. Foi o poeta que se destacou pela ética, pela dignidade. Essas estavam acima de sua produção literária e de seu posicionamento político.

A derrota política da Catalunha ocasionou também o seu desmoroamento cultural, seu naufrágio. Situação traumática para toda uma intelectualidade. Durante os primeiros anos do regime franquista estava proibida qualquer publicação em catalão. Muitos escritores galegos e catalães transformaram-se em escritores castelhanos curvando-se à língua oficial. Espriu jamais sucumbiu. Como uma loba, passou toda a sua vida lutando em defesa da preservação de uma língua, de uma expressão, a única coisa que poderia salvar a Catalunha como uma coletividade quando os demais valores tivessem naufragado. Ele almejava a convivência ou a coexistência das diversas falas do povo espanhol: "convendrán muchos nombres a un solo amor."

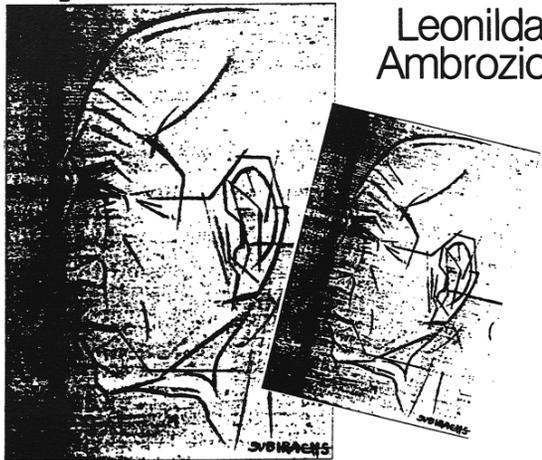
Passei tanto tempo ignorando Salvador Espriu. Aconteceu... circunstâncias... Suas obras passam por um longo caminho até nós. Do catalão sua obra é traduzida para o castelhano. Entre tradução, publicação, distribuição, chegada ao Brasil, um século... quando chega.

Em um curso de especialização que fiz em Madrid, no primeiro semestre de 1975, uma das disciplinas era o estudo da poesia espanhola contemporânea. Estudei muitos poetas. Nada de Salvador Espriu. Estávamos na Espanha de Franco, ainda. (Cheguei a ver o Generallísimo, em carro aberto, em maio, no dia em que o presidente Ford lá chegou. Passaram pela Avenida Arco de la Victoria, início da Cidade Universitária, em direção ao Pardo, residência oficial. Chamava a atenção o contraste: Ford, muito alto; Franco, baixinho, e talvez já doente. Faleceria em novembro.)

Dez anos depois, em 1985, precisamente na noite de 22 de fevereiro, em um vôo Ibiza—Barcelona a aeromoça me oferece *El País*, um importante jornal madrilenho. Leio a notícia de que o estado de saúde do poeta Salvador Espriu era crítico. Estava agonizando um poeta e eu pouco, quase nada sabia dele.

No pequeno hotel, no simpático Paseo de Gracia, tão próximo às famosas

Salvador Espriu, o poeta da Catalunha



Leonilda Ambrozio

El brau, en l'arena de Sepharad, envestia l'estesa pell i en fa, enlairant-la, bandera. Contra el vent, aquesta pell de toro, del brau cobert de sang, és ja parrac espesseït per l'or del sol, per sempre lliurat al martiri del temps, oració nostra i blasfèmia nostra. Alhora víctima, botxi, odi, amor, lament i rialla, sota la closa eternitat del cel.

El toro, en la arena de Sepharad, embestia la extendida piel y la convierte, alzándola, en bandera. Contra el viento, esta piel de toro, del toro cubierto de sangre, es ya harapo endurecido por el oro del sol, para siempre entregado al martirio del tiempo, oración nuestra y blasfemia nuestra. A la vez víctima, verdugo, odio, amor, lament y risa, bajo la cerrada eternidad del cielo.

(*La piel de toro*. Tradução do catalão para o espanhol por José Agustín Goytisolo.)

casas idealizadas pelo arquiteto Gaudí, ligo meu inseparável radinho e o noticiário da meia-noite continuava informando sobre a situação do poeta. Às 11h30min daquela manhã de 23 de fevereiro Catalunha perdia o seu poeta maior. Morria Espriu, a "voz de um povo", segundo a sua biógrafa María Aurélia Campamany. A imprensa falada passou a ler seus poemas, seu enterro transmitido. O jornal *La Vanguardia*, de Barcelona, publica a sua foto tomando toda a primeira página. O único texto é: **ESPRIU VUELVE PARA SIEMPRE A SU SINERA** e um poema de 10 versos do poeta, em catalão, contendo o seu *leitmotiv*: a meditação sobre a morte, a morte entendida como aprendizado para a vida, a morte que burla o ser, pois é justamente a sua negação que embrutece o homem, a morte que é "an-

tes liberação e superação que destruição da matéria e do espírito do homem", segundo nos diz José María Castellet, ensaísta catalão, sobre o poeta.

Mas o que vem a ser Sinera, a sua Sinera? Invertendo as letras de Arenys de Mar, a cidade onde passou parte de sua infância, temos Sinera — lugar mítico, onde instaura seu mundo poético. Em *Cementerio de Sinera*, sua obra mais transcendental, o poeta se coloca como um morto que renunciou à vida e se isolou entre os muros de um cemitério, posto que o mundo lá de fora também já estava morto. Ali descansa em paz entre seus mortos. Foram tantas perdas sofridas por Espriu, tantas mortes. Morte dos familiares, morte de uma pátria, morte de uma cultura, morte da Catalunha. Foram quarenta anos de uma ditadura, foram quarenta anos de

OBRAS:

Israel. El Doctor Rip (1931) - prosa. *Lala* (1932) - prosa. *Aspectos* (1934) - prosa. *Ariadna en el laberinto grotesco* (1934). *Espejismo en Ciltrea* (1935). *Letizia y otras prosas* (1937). *Antigona* (1939) - teatro. Até 1946 nada mais publica. Depois seguem: *Cementerio de Sinera. Las canciones de Ariadna. El esperpento. Las horas. Mrs. Death. El caminante y el muro. Final de laberinto. Primera*

historia de Esther (1948) - para teatro de marionetes, um poema dramático, genial, estreado em 1957. *La piel de toro* (1960). *Libro de Sinera* (1963). *Ronda de muerte en Sinera* (1965) - teatro. *Samana Santa* (1971). *Formas y palabras* (1974). *Otra Fedra, si gustáis* (1978) - teatro (desmistifica o mito de Fedra). *Las rocas y el mar, lo azul* (1986) — reúne uma centena de prosas breves, narração e ensaios sobre antigos mitos gregos).

refúgio nos muros de Sinera. Muros de Sinera, muros da Catalunha: Espriu guardião. Sua meta de vida: recuperar a sua língua, pois sabia que destruir uma língua é matar a expressão, a liberdade. Melhor do que ninguém entendia de expressão, paz e liberdade. Muito, muito de paz. A Guerra Civil Espanhola foi seu pesadelo. A luta fratricida um de seus temas. Em 1939, na Barcelona ocupada, escreveu a peça de teatro, *Antígona*, que somente pôde ser publicada em 1955 e cuja estréia foi três anos depois. Obra que trata da necessidade de compaixão para com os vencidos e da derrota de uma cultura e de um povo.

Durante anos a obra de Salvador Espriu foi analisada de uma maneira equivocada, empobrecedora. Trata-se, entretanto, de uma das mais ricas e originais. Apesar das referências ao contexto, a obra espriana destaca-se por abordar as questões dos valores morais e éticos. O poeta canário Andrés Sánchez Robayna, um de seus tradutores ao espanhol, nos diz que é preciso saber ler Espriu para poder percorrer o labirinto de uma *espantosa simetria*, usando a expressão de William Blake.

Talvez a obra mais conhecida de Salvador Espriu fora da Catalunha seja *La piel de toro* (*La piel de brau*, em catalão), de 1960. A edição que tenho, de 1983, foi traduzida por José Agustín Goytisolo. Obra cívica, por excelência. Um lamento por uma pátria. *La piel de toro* é um questionamento de todos os problemas de um país destruído (política, história, moral, cultura). Pele de touro, contorno de Sepharad, nome que os sefarditas deram à Espanha e que vem a ser a extensão de sua Sinera. Contorno do mapa da Espanha, contorno de sangue. Arena onde o touro luta para continuar vivendo. Paralelismo entre o povo de Israel e o povo da Catalunha, povo pequeno, estrangeiro, enraizado na "pele do touro".

Salvador Espriu — símbolo da resistência catalã — construiu um mundo de imensa magia, repleto de cifras secretas, de mitos clássicos, de mística judia, de referências bíblicas. Construiu uma obra que é um monumento de ética e estética, lição de dignidade.

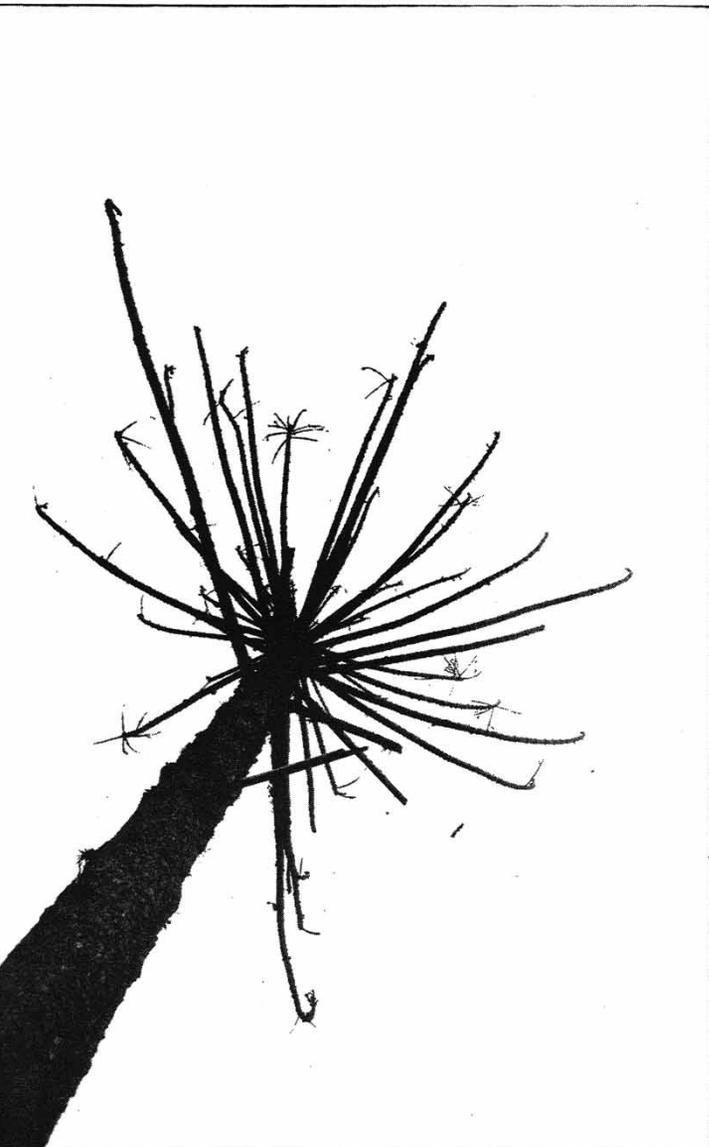
Os dias que passei em Barcelona coincidiram com os de sua morte e enterro. Quis o destino que eu lá estivesse para ouvir *in loco*, em meio ao seu povo, seus versos lembrados com emoção e dor. Quis o destino que na noite de 23 de fevereiro de 1988, terceiro aniversário de sua morte, me ocorresse escrever estas linhas sobre ele e pedisse de volta a matéria que anteriormente havia entregue a Josely Baptista para o *Nicollau* de março. Estava escrito nas estrelas.

Porque el gran número aprendido y ordenado de las palabras se pierde lentamente en el silencio. ahora queremos escribir tan sólo este tu nombre.

(*La piel de toro* — LIII)

RARAS ARAUCÁRIAS





Centenárias árvores, as famosas araucárias do Paraná estão desaparecendo. Corte.

De olho no problema, Vilma há anos fotografa os cada vez mais raros espécimens nativos. (Desde o ano passado suas fotos fazem parte de exposição itinerante promovida pelo Sesc-Pompéia, de São Paulo.) Agora, Vilma vai de novo mirá-las com sua câmera: as imagens dirão a quantas anda a preservação das matas de araucárias.

Munida de suas armas-imagens, a fotógrafa, que comemora em 88 dez anos-luz de ofício com as grafias de luz, vai à luta com seus negativos e positivos: tenta expor e publicar as fotos feitas nas reservas naturais paranaenses. Parabém.

VILMA SLOMP

Era uma vez araucárias majestosas marcando presença no sul do Brasil. A velha história: já eram pela ação de um melancólico desmatamento feito de modo irracional pelos madeireiros e proprietários de terras nativas. As transformações profundas vieram em poucas décadas e hoje estamos ilhados em campos verdes, minados de agrotóxicos, semeando desordenadamente o inconseqüente inconsciente da população brasileira.

E daí? Publicitários que estão com a conta do governo, uni-vos! Vamos salvar o símbolo heráldico do Paraná! Isso dá **marketing**. Campanhas de arrasar: camisetas, TV, revistas e jornais. Vamos mobilizar a população numa só: donas-de-casa e estudantes, prefeituras e igrejas, crianças e artistas, arquitetos e operários, inquilinos e proprietários: **Vamos plantar araucárias!**

E assim vai... Cai na real, Vilma! Chega de panfletagem barata. Aonde a fome corre solta, crianças abandonadas e bandidas, corrupção, desdentados, devendo até o pescoço e blá, blá, blá, vem falar em ecologia?

É melhor se flagrar e continuar a fantasia, registrando em fotografias as últimas reservas de araucárias. E, quando em breve tudo acabar, serão impressas em livro que alguma Secretária, quem sabe, vai patrocinar, e cujo título será: **Araucária, aqui jaz.**

V.S.

Está "tudo bem" no movimento de mulheres?
Como se comporta este segmento diante do desafio de sua emancipação?

Emergiu no movimento de mulheres do Brasil o termo emancipacionismo. Trata-se da demarcação de uma fronteira clara entre duas formas de conceber a luta pela libertação da mulher, duas maneiras diferentes de atuar, política e organicamente.

O resgate do termo — que afinal não é novo — coincidiu com o processo de retomada da movimentação de massas no país, bem como com a rearticulação da frente de mulheres, que passou a elaborar uma série de bandeiras, entre as quais a criação de instrumentos governamentais para facilitar a defesa dos seus direitos.

Entre libertar-se e emancipar-se não há grande diferença, talvez a mesma entre independizar-se e "soberanizar-se". A questão, portanto, não é de forma, mas de conteúdo.

Aprofunda-se em todo o mundo o fosso entre o que se pode chamar de feminismo sexista-biológico e o feminismo emancipacionista. Afinal, o que é isto?

Não se permite reducionismo neste caso, porque as duas correntes hoje amadurecem e têm uma elaborada teoria.

A corrente sexista-biológica tem como sua "papisa" a inglesa Shulamith Firestone. Autora da obra *Dialética dos Sexos*, defende que a reprodução humana é a cadeia que limita as mulheres, e propõe "a libertação das mulheres da tirania de sua biologia reprodutora, através de todos os meios disponíveis". Indica ainda que embora não haja saída para este problema devido à sua natureza ("isto não significa perder a nossa causa"), "é preciso a revolta da classe baixa (as mulheres) e a tomada do controle da reprodução", a exemplo do que nos coloca a teoria revolucionária do proletariado que indica a revolta do proletariado e a tomada dos meios de produção.

A teórica do sexismo, com seguidoras em todo o mundo, propõe, enfim, a restituição às mulheres da propriedade de seus próprios corpos, bem como do controle feminino da fertilidade humana. Exemplo máximo de sua atuação é o Partido Feminista Espanhol, que prega o domínio das pesquisas sobre fertilização *in vitro* pelas mulheres, como arma que pode levar ao fim da gravidez, "um trabalho que iguala todas as mulheres na condição de trabalhadoras não assalariadas, numa mesma classe".

Embora numa linha existencialista, Simone de Beauvoir, em 1949, em *O Segundo Sexo*, não nega o biologicismo, mas destaca, ao sistematizar um conjunto de idéias sobre o feminismo, que a opressão feminina situa-se no campo do "destino individual", ou seja, o conflito entre o ser essencial e a situação que o coloca como inessencial.

A partir destas concepções, bastante disseminadas, passou a sobrar muito pouco para as mulheres lutarem. Atualmente, na Europa, predominam os movimentos de auto-ajuda, como uma Cruz Vermelha durante a guerra, ou seja, "não entramos no conflito, socorremos as vítimas".

Afinal, tendo como base teórica estas concepções, qual a saída? A ditadura

A QUESTÃO DA MULHER



Télia Negrão

ra do sexo feminino, como do proletariado? Mulheres de todas as classes contra homens de sua classe? Negar a relação homem x mulher? Qual a base econômica desta mudança?

E, se sendo a mulher "o outro", ou na busca do "outro" como colocava Sartre, encontrar esta essencialidade numa sociedade cujas bases continuam as mesmas, é possível?

E, se cairmos no campo freudiano, a desgraça feminina é certa. O complexo da castração, a inveja do pênis, a que saída nos levam?

Estas concepções ganharam guarida nos Conselhos da Condição Feminina em quase todo o país, destacadamente no Conselho Nacional, o CNDM. Seus trabalhos, projetos e publicações situam-se no campo sexista, ainda que não descaradamente como na Europa. Sua atenção volta-se basicamente para políticas relacionadas à saúde e ao direito de decidir sobre o próprio corpo. O chamado sexismo, que durante toda a sua existência não encontrou leito no Brasil, achou nos órgãos oficiais um porto seguro, e através dele, inclusive, a ação dos movimentos de massa.

A atuação das sexistas concentra-se ora no campo da autolibertação, transformando seus encontros em "oficinas de vivência", ora na luta pelos "direitos iguais." O discurso oficial do CNDM diz "Viver a igualdade com as diferenças".

Dá-se continuidade, na verdade, às idéias originais do feminismo burguês

surgido nos séculos 18 e 19 na Europa, quando se insurgiram individualmente mulheres das classes dominantes contra sua opressão sexual em particular. Como não participavam na produção, viam nos homens os agentes de toda a sua opressão, que na realidade, limitava-se ao campo individual.

Quando entram num embate mais apimentado, as emancipacionistas costumam dizer que o sexismo é a pré-história do emancipacionismo, como houve a pré-história da luta da classe operária, quando os trabalhadores viam nas máquinas — e não no sistema capitalista — o instrumento de sua opressão, e as destruíam.

A corrente emancipacionista levanta que com o avanço do capitalismo no Brasil, o ingresso de mulheres na produção em grande escala (36,8% dos assalariados) vem permitindo uma elevação no seu nível de consciência. Ao sentir a dupla opressão — aquela de todo trabalhador assalariado e a sua, em particular, fruto da visão de propriedade do homem sobre ela — distingue melhor o quão falsa é a luta contra o homem e como é limitada a bandeira pelos direitos iguais. Afinal, qual é a grande vantagem em ter os "direitos" de outro despossuído?

É por este motivo que aponta para um regime social e político — o socialismo — por entender que nesta outra sociedade o que mais pesa é a busca do bem estar de todos.

Tendo como base teórica as idéias de Auguste Bebel, Marx, Engels, Clara

Zetkin e Alexandra Kollontai, acusam as classes dominantes de usarem a reprodução como "instrumento de opressão", ora valorizando a maternidade para reafirmar a idéia da "rainha do lar", ora impondo o controle da natalidade — "a explosão demográfica é a causa da pobreza" —, ora negando os direitos da mulher trabalhadora.

As classes dominantes, expressando-se através da corrente sexista, acabam por negar que a origem da opressão da mulher é econômica e que está ligada sobretudo ao seu afastamento da produção quando a sociedade humana passou a acumular riquezas. É por isto que as emancipacionistas enfatizam a necessidade de a mulher ingressar na produção e exigir trabalho, salários iguais, creches, estabilidade à gestante, licença maternidade de 120 dias e assistência médica adequada.

Estas reivindicações, usadas como bandeiras que pretendem mobilizar milhares de mulheres em organizações autônomas, vêm abrindo espaços para a propagação da luta pelo socialismo. Acreditam que este regime social, por querer o bem da maioria, precisaria do trabalho da mulher, garantiria a todos os filhos a educação necessária como responsabilidade social, criaria meios para libertá-la de tarefas domésticas e buscaria, na luta contra as idéias conservadoras anteriores, espaços para que as mulheres pudessem contribuir com igualdade.

Como se vê, o feminismo que durante algum tempo foi visto e tratado como uma briga das mulheres contra os homens, tem sua própria dimensão, que, no fundo, é a dimensão da própria luta de classes que se trava na sociedade.

Subestimá-la, nos dias de hoje, é negar que a metade da população (que é mãe da outra metade) está acima deste movimento que faz a história avançar incessantemente.

A luta pelo direito ao trabalho em toda a sua dimensão é como se expressa a corrente emancipacionista. Defendendo o reconhecimento da função social da maternidade, embrenham-se no campo das lutas políticas da sociedade. Atualmente, além de buscar a mobilização de massas femininas para defenderem seus direitos na Constituinte, participam de fóruns unitários pelas diretas para presidente, denunciam constituintes conservadores, e centram sua ação na formação de entidades de massas que se somem na luta por mudanças radicais da sociedade. Realizaram no ano passado um encontro com mil mulheres no Rio de Janeiro, quando cerca de 200 entidades autônomas, sem qualquer vínculo governamental, reafirmaram sua posição de indissolubilidade entre a emancipação da mulher e da sociedade.*

* Mulheres desta corrente reuniram-se de 20 a 24 de janeiro em Campinas, sob o patrocínio do Instituto de Cultura Operária de São Paulo, da Unicamp e da revista *Presença da Mulher*, no Seminário Nacional sobre a Questão da Mulher.

Télia Negrão coordena a União de Mulheres de Curitiba e é jornalista responsável pela revista *Presença da Mulher*.

ADA MACAGGI. UMA SENHORA POETISA

Alice Ruiz

Ada Macaggi está sujeita a todas as acusações feitas à poesia feminina.

Alma casada com a natureza, voltada para a sutileza de seus sentidos no delicioso fruir da vida, embalada pelas doçuras do dia-a-dia.

Apesar de apresentar inovações (adotou o verso livre e fazia um tipo de poesia modernista, quando em Curitiba só se fazia Simbolismo), Ada Macaggi não via as palavras. Não se preocupava e nem se ocupava com a linguagem e seus parentescos.

A ausência de rimas, trocadilhos ou qualquer outro efeito poético nas palavras, deixa a poesia de Ada apenas no plano das emoções fáceis, mesmo quando se trata de registrar emoções raras.

No entanto, é impossível negar o título de poeta a essa mulher.

Seu livro *Ímpeto*, de 1941, com ilustrações de Anita Malfatti e editado pela José Olympio, nos apresenta uma mulher sensual (com alguma timidez), apaixonada pela vida e pela natureza, pondo para fora seus medos, suas inseguranças, suas vaidades e sua força.

É um retrato feminino inconsciente de sua mulheridade.

Mas, como poeta, Ada consegue transmitir contradições altamente esclarecedoras sobre nossa condição, nossa verdade, embora ela só fale de si mesma.

Ímpeto, Pavor, Instante feliz, Dispersão, Êxtase, são alguns dos títulos da 1ª parte desse livro. Em "Alegria de Viver" (título dessa 1ª parte) Ada é completamente biográfica, característica principal da poesia dita feminina. Do raio de sol que visita seu quarto de doente, passamos por sua viagem para a fazenda em busca de melhoras e chegamos ao seu restabelecimento jubiloso.

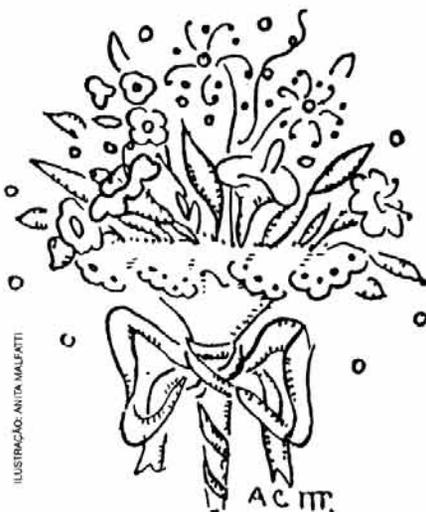
Bem, esse é o lado piegas. Dentro desse contexto, Ada consegue alguns vãos livres como, por exemplo:

*"E, no rústico estábulo,
ante o leite espumoso que, bem cedo,
minha madrugadora fome vai buscar,
num grande impulso de agradecimento,
digo nomes gentis à vaca mansa
e dou-lhe um beijo no úmido focinho!"*

Na segunda parte de *Ímpeto*, intitulada "Amor", temos uma visão mais clara da "realização pessoal feminina".

Ada transfere toda a sua força, a sua personalidade, seu destino para as mãos do homem.

"Amor" é dedicado a seu marido (mistura de puritanismo e individualismo) e tem títulos como: Invasor, Revelação, Requite, Inquietude, Presságio, Prece, Intimidade, Harmonia, Encantamento.



Inquieta, rumando sua energia lúdica e lúida para o circuito da poesia, no papel e na vida, esta mulher — nossa Pagu — bagunçou o coreto da pacatíssima Curitiba nas décadas de 20 e 30: Ada, resgatada aqui por Alice Ruiz: "Nada pode tudo na vida".

Em quase todos os momentos da relação amorosa, Ada se propõe como o elemento passivo. É o homem que lhe dá substância.

*"Eu gosto doidamente de mim mesma
Porque
quando me olho nos teus olhos,
sinto
que tu gostas de tudo isto que sou inteira,
todinha."*

*Só por esse motivo,
é que eu abrigo esta infinita,
esta linda, esta intensa,
esta estranha doideira por mim..."*

*"Ah! nesse dia de derrota e glória,
eu, a grande orgulhosa, humilhada e vencida,
só nesse dia é que fui bem mulher!"*

No entanto, o ponto alto do livro está nessa segunda parte. Um trecho do poema "Pelo Telefone", mais prosa que poesia, dotado do humor, da sátira, da graça da poesia modernista, onde

Ada capta melhor, com uma sutileza mais fina, um aspecto tipicamente feminino, mas com distanciamento crítico.

*"Fui eleita rainha de uma festa,
classificada como a mais bonita
e bem vestida moça que lá estava.
Também comprei cinco vestidos novos,
cinco primores, neste mês. Um sonho.
Os namorados, meu amigo, às pencas!
E todos com automóvel! As amigas,
amarelas de inveja e de despeito.
Não é bastante para estar contente?
Não para mim? Eu não sou fútil? Ora!
Você me lisonjeia, francamente!
Eu sou tão fútil como as outras moças,
como as outras mulheres. Agradeço a
amável intenção de seu protesto,
mas não o aceito. Todo o meu orgulho
consiste em ser "divinamente fútil,
divinamente e deliciosamente"
na expressão de um poeta modernista
que está doidinho de paixão por mim."*

Na terceira e última parte, Ada desfila sua "Galeria de Quadros". Como o nome mesmo diz, são poemas descritivos. Melhor do que as palavras, a pintura e a fotografia estão aí, para nos transmitir uma paisagem. A descrição no verbal só é válida se transcende a si mesma. Se servir, por exemplo, de metáfora. Se for ambígua o bastante para ir além do retrato. Mas isso não acontece nos poemas de Ada.

"Eu, sozinha, e o jardim de alamedas sonoras..."

*"O monte alto de feno,
e a fome lerdá de um boi manso,
mastigando com volúpia quieta."*

*"As glicínias, nos ramos em trapézio,
debruçam seus corpos
em doídos ensaios,
de saltos mortais,
para ouvir as palavras de amor
dos namorados."*

Apesar das falhas, *Ímpeto* foi um sucesso em sua época. Criticado por muitos, bem recebido por muitos, conseguiu que se discutisse a seu respeito, o que sempre é uma forma de sucesso. Triste mesmo é a indiferença com que são recebidas tantas poetas com voz própria.

Ainda hoje muitos se lembram de Ada Macaggi.

Ada. Uma "senhora poetisa" que trouxe um pouco de modernismo à Curitiba dos anos 40.

Alice Ruiz, autora, entre outros livros, de *Navalhanaliga* (Zap, 1980), *Paixão Xama Paixão* (1982), *Peles Réis* (Brasiliense, 1984), *Rimagers*, com Leila Pugnatori (1985). Traduziu *Dez Haicais* (Nao-Nao, 1981) e *Céu de Outro Lugar* (Expressão, 1986). Atualmente está empenhada em traduzir a poesia completa de Issa Kobayashi.

o que é que há com o TEATRO DO PARANÁ

(MISÉRIAS E GRANDEZAS)

O Nicolau, de olho nas *mise-en-scènes* exatas, mambembes, *black-outs*, panos de fundo, luzes de ribalta, *performances*, pontos e bambolinas, gestos, falas, textos, ensaios, acertos e erros do teatro paranaense, pergunta a quem vive a arte e o ofício cênicos, sem panos quentes nem ceninhas: **por que o teatro não dá certo no Paraná? ou dá?** (Perplexidades à parte: quantidade não tem, necessariamente, nada a ver com qualidade.) Mais reflexão, menos refletores.

O teatro no Paraná não dá certo porque a maioria dos "profissionais" são funcionários públicos e só fazem teatro nas horas de folga.

O teatro no Paraná só dará certo no dia em que o Brasil der certo

Conta-se uma anedota que quando os portugueses, logo após o descobrimento, estavam rezando a 1ª Missa no Brasil, entre a indiarada havia um que balançava a cabeça negativamente e dizia: "Não vai dar certo, não vai dar certo." Posso fazer uma adaptação da anedota.

Quando estava sendo lançada a pedra fundamental do Teatro Guaíra, entre o pessoal que acompanhava a cerimônia havia alguém balançando a cabeça e repetindo que não ia dar certo.

É que para se ter teatro não bastam paredes e palcos. Isso é básico, claro, mas não é tudo.

Temos um grande teatro, mas teatro como edifício, não temos um grande teatro como Arte.

Andaram esquecendo de que teatro não é uma questão imobiliária, é uma questão cultural.

José Maria Santos — ator e diretor do grupo TECEFET

A pobreza do país se estende em várias dimensões. Não somente a pobreza financeira. O despojamento teatral deveria ser uma expressão filosófica, não uma política de obrigatoriedades. Isso é pior que a censura. Afunila a criatividade para o campo das limitações.

Não sou contra a televisão. Sou contra a política cultural brasileira

que não acompanha o avanço dos meios de comunicação e do nosso tempo.

Sabemos que o sucesso do nosso teatro está condicionado às amarras da televisão. Quem está na televisão é o iluminado para o grande público. Qualquer espetáculo 'reba' pode fazer um grande sucesso, desde que esteja recheado de artistas globais. Falo da Globo especificamente. Ela não é somente uma emissora, é um 'continente'.

Dentro desse aspecto, o provincianismo teatral tornou-se uma política impraticável. Somente uma força oficial poderá fazer frente à concorrência. Falo de companhias oficiais mesmo, mantidas pelo Estado. Em tempos passados fui contra isso. Mas agora chegou-se a esse termo.

Projetos bem elaborados e executados com muita competência poderão conduzir ao sucesso. Caso contrário, continuaremos com essa apologia ao fracasso e à miséria artística.

E isso — ainda mais — gera essa autofagia em que vivemos. Somam-se a outros problemas a falta de espaço físico para a carreira do espetáculo, a indução da encenação para soluções cênicas miseráveis e incompetentes, etc. A crise do teatro, fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, é muito maior do que se imagina.

A comunicação brasileira cresceu muito, e o teatro, num todo, estacionou.

Orad Gemba — ator e diretor teatral

Que o teatro brasileiro vive em crise ninguém duvida, mesmo porque não é de hoje, não é novidade. Sobreviveu a muitas e assim deve continuar. O curioso na "atual crise" é que o público também entrou em crise. Muitos fatores podem ser apontados,

mas os principais são a falta de poder aquisitivo para fazer frente às ofertas e, o mais espantoso, a falta de maiores opções de boas encenações.

Nos seguidos anos da repressão, muito se ouviu falar em trabalhos teatrais que foram censurados e engavetados. O tempo passou e hoje fala-se em democracia, apregoa-se a liberdade tão sonhada. Mas onde andam aqueles textos proscritos no passado? Que fim levaram, já que não são apresentados ao público?

Estamos todos carentes de coisas novas. Até mesmo o público aguarda por isso. Já é hora do teatro voltar à realidade dos nossos dias, aproximar-se mais do público, afastando o corporativismo, incentivando a participação de todos, sejam autores, diretores, produtores e órgãos ligados à cultura. Somente com criatividade, esforço comum e muita garra, os espetáculos teatrais vão poder voltar a atrair o público, seu fim maior.

Constantino Batista Viaro —
Superintendente da Fundação Teatro Guaíra

O teatro vai muito bem, obrigado! Retrocedendo-se a tempos ainda recentes, veremos: *O Eucalipto e os Porcos*, *Sedução*, *Pinha*, *Pinhão*, *Pinheiro*, *Domingo Pé-de-Cachimbo*,

Vereda da Salvação, *SOS da Ribalta*, *Um Rato em Família*. Quer mais? Claro que há outros, muitos. Você ouviu a entrevista com dona Neuma? Dona Neuma é das mais lindas criaturas da Estação Primeira de Mangueira (minha verde-rosa). Perguntaram-lhe: "— Por que Mangueira do futuro?" "— Porque o futuro da nossa escola de samba repousa nos ombros da criança de hoje. Daí a nossa preocupação em manter essas duas mil crianças com alimentação, estudo, cuidados de saúde, profissionalização, lazer e identificação com os segredos do samba e dos grandes espetáculos." É isso aí, dona Neuma. Cada criança que ajudarmos com amor é um marginal a menos no amanhã. Há "otoridade" que não sabe. E o teatro, fato consumado, não é para consumo de massa. Preocupa-me quando ouço gente de teatro dizendo: "Apresentei minha peça para três mil pessoas no ginásio de esportes..."

Sansores França — ator

Não acredito que exista uma determinante regional — geográfica, humana ou cultural — impedindo o desenvolvimento do teatro no Paraná. Há fatores muito mais complexos. Numa sociedade capitalista em que

lucro e sucesso individual se convertem em objetivos exclusivos, o teatro se transforma em cenário do exibicionismo, do repetido e dos efeitos imediatos. Teatro é uma arte coletiva: necessita da harmonia entre autor, ator e público. Assistimos no Brasil a mais uma crise de invenção e de fertilidade criadora. O teatro, arte integrada no social e espelho da cultura de um povo, sofre a mesma crise. Enquanto os atores procurarem na cultura brasileira apenas as plumas e as lantejoulas, enquanto os autores escreverem para o teatro pensando na literatura e distantes das verdades de seu povo e enquanto o público esperar do palco a linguagem da televisão e do cinema, o teatro continuará sendo um enfeitado, aqui e hoje, além e sempre.

Marta Morais da Costa — professora universitária e pesquisadora



Profissionalismo é o que falta no teatro curitibano. Profissionalismo de fazer bem feito, com seriedade, dedicação. Atores, atrizes, diretores acreditando que ainda têm muito a aprender. Não basta ter a carteira do Sindicato para provar que é profis-

sional. Profissional é quem faz bem seu ofício, se aprimora a cada dia, espetáculo, montagem. Estudar muito para ser um profissional é o requisito básico.

Profissionalismo há no teatro paranaense quando se vê no palco um trabalho de Nelson Rodrigues apresentado por elenco de Londrina. Trabalho sério, novo, com proposta de qualidade. Marcante e que, por isso mesmo, repercutiu em todo o país. Quando um grupo curitibano consegue tal feito? Gente boa há, mas meio perdida. Alguns até vão embora. Ficar para fazer o que e com quem? A profissão não é fácil. Exige paciência, sorte e requer muito talento. O público existe sempre. Só que — como um bom crítico — já consegue selecionar e comparar. Um trabalho mal feito será visto em todos os outros até às vezes bem feito.

Errar também se pode. Só que o teatro em Curitiba há anos vem cometendo erros. E essa de reclamar da falta de apoio oficial não dá mais. O que garante o trabalho, o elo entre palco e platéia é a qualidade dos espetáculos. É o profissionalismo de cada um que forma a equipe.

Marilú Silveira — professora do Curso de Artes Cênicas da PUC/FTG



Um dos problemas do Curso Superior de Artes Cênicas é a falta de profissionalismo dos professores, o que provoca grande desestímulo nos alunos.

Não somos incitados a pesquisar e aumentar nossa bagagem teórica.

Os alunos se preocupam em montar inúmeras peças, esquecendo a qualidade do trabalho final.

Não há bons professores e, às vezes, observa-se nos alunos maior conhecimento teórico. Ou, então, professores que o possuem não sentem interesse em passá-lo adiante.

Em Curitiba montam-se peças para satisfação dos atores e diretores. Não há preocupação em se pesquisar se o assunto é atual, se vai acrescentar alguma coisa ao panorama geral.

Como se explica o sucesso dos grupos Proteu e Delta, de Londrina? Ou de peças como *O grande Circo Padú* e *Vamos transar*?

Creio que, quando o artista deixar seu egocentrismo e voltar a sentir as necessidades do público, as pessoas voltarão a prestigiar o teatro curitibano.

Gina Age — estudante do Curso de Artes Cênicas da PUC/FTG

Falar do novo teatro curitibano é falar da província e suas limitações. É falar da falta de público que impossibilita a realização de temporadas, o que impede o retorno financeiro necessário para cobrir os investimentos feitos em uma peça. É falar da falta de confiança da classe empresarial, especialmente do teatro ama-

ador que, por lei ou pela interpretação dada à lei por um sindicato intransigente, não terá muitas chances de tornar-se profissional, pois desde 1978 a formação de um profissional só é possível através de curso superior, ou seja, profissional só o acadêmico. O resultado é óbvio: teatro acadêmico, incapaz de questionar suas próprias fórmulas ou de buscar novas linguagens.

Falar do novo teatro curitibano é falar de "teatro marginal", onde estão nascendo as novas idéias, os novos profissionais de teatro. É nesse âmbito que atores, artistas plásticos, diretores, músicos, mímicos, coreógrafos e bailarinos promovem o nascimento de um teatro novo e inquietante. É a celebração do que tem de bom uma província: a possibilidade da luta não apenas pela carreira pessoal, mas pelo surgimento de novos pólos produtores de arte e cultura.

Raul Cruz — diretor de teatro amador

MÁSCARAS DO COTIDIANO

Edison Mercuri

DA MORTALHA AO CORPO E DA PERSONA À MÁSCARA

Uma possível introdução se en- saia através de simples obser- vação das máscaras e fantasias usa- das durante o Carnaval. O nu se ex- põe como sofisticada indumentária e as faces maquiadas se impõem co- mo retrato fidedigno das próprias pessoas a quem disfarçam.

Partindo deste paradigma pode- mos nos debruçar sobre o cotidiano, tecendo este artigo sem outros pre- supostos (como, por exemplo, as ca- tegorias conceituais sobre carna- valização, de Mikhail Bakhtin, a Psica- nálise ou a Semiótica). Este despre- tencioso ensaio deve ser lido en- quanto limitada notação de frag- mentos da representação que o ho- mem faz de si mesmo.

Personae Teatralis:

Eu sonhei que tu estavas tão linda/ numa festa de raro esplendor/ teu vestido de baile (...) Olhavas só para mim/ vitória de amor cantei/ mas foi tudo um sonho, acordei!

(*Persona*: máscara usada pelos ato- res do teatro grego.)

No princípio era como um sonho. Depois, à medida que se sonhava, mergulhando naquele mundo, foi-se afastando aquilo a que chamam *realidade*. Quando nos damos conta, a "verdade" é a realidade que se está vivendo. É a que conta. (Todos nós resistimos a "acordar" das ilusões.)

No Carnaval esquecem-se pro- blemas, interrompem-se os fazeres e pensares ditos "sérios, de respon- sabilidade" e, vestindo a fantasia, vi- vemos, por trás da ilusão da má- scara, um Duplo. Em dois sentidos: esconder/revelar. Por um lado, ocul- tar-se, tornar-se anônimo na multi- dão, não identificável, podendo as- sim libertar-se das obrigações, res- pressões e impedimentos da vida e, ao mesmo tempo, esconder-se de si, das dores da sua própria verdade. Assim fantasiado, permite-se o 'su- jeito' gozar prazeres proibidos, li- berto temporariamente das amarras de "papéis" a que está 'a-sujeitado' em sua vida cotidiana; revela-se Ou- tro.

Das ciências do homem, a Psica- nálise se pretende a "cura das ilu- sões". Curar as ilusões: se isto faz sentido, é "a peste" — desvelando os sintomas e revelando a "verdade" da doença e do doente. Projetando o descoberto — o que doadamente dói.

Ilusão:

Ilusão de ótica, visão dúbia, distorcida, miragem; imagem virtual; aquilo que não é o que parece; engano dos sentidos ou da mente; erro da interpretação; qui- mera, coisa efêmera, devaneio, fanta- sia; falso, logro, burla; crença fantás- tica; invenção, construção de uma im-agem pública; imaginação.

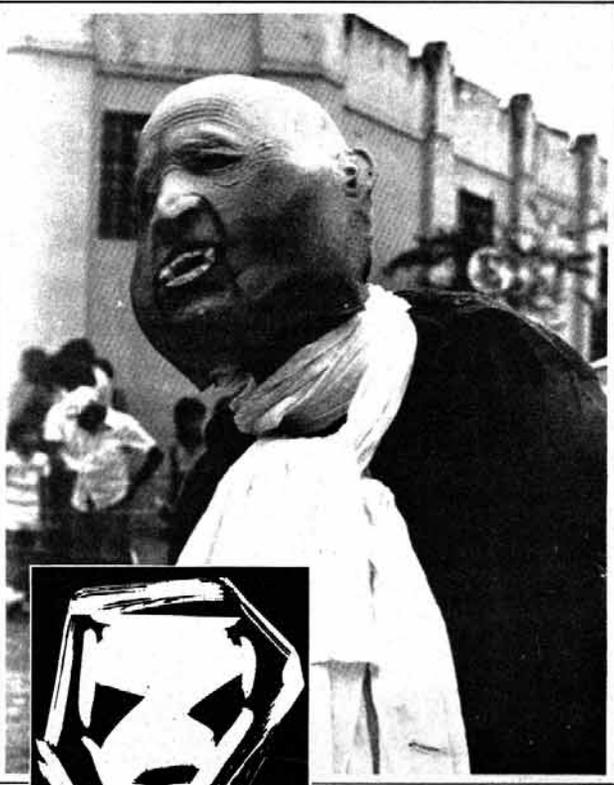


FOTO: EDUARDO NASCIMENTO



Não é disso que estamos falan- do? E não é disso que adoecemos? Parece fazer sentido, assim, que se busque insistentemente ("por razões inconscientes") fugir da Coisa. É (até) natural que se procure "escon- der" para não escandir a fala (falha) do discurso. Qualquer discurso. Dis- curso que pode ser o samba-enredo da Escola de Samba que milhares cantam, com os quais milhões se identificam. Identificam-se com a narrativa do enredo, com os que can- tam, com o "ritual de passagem" — percurso simbólico dos blocos na avenida, com os sambistas que se en- redam em interminável roda (o fim no começo — do fim o começo — no fim do começo...) Não falhar,

não falir, não falecer ou o eterno retorno (compulsão à repetição).

Para um espectador intermiten- te, as caras que cruzam seus olhos no dia-a-dia são encaradas como as "verdadeiras faces" daqueles vários autênticos cidadãos. Coabitam tem- porariamente ônibus e elevadores; percorrem, transitórios, repartições públicas, cafés e bulevares; encon- tram-se nos corredores dos edifícios, em filas de supermercados, nos bancos e na televisão. Transeuntes. In- termináveis fotografias de imagens corriqueiras e patéticas. Ares e olha- res exultantes e medíocres na sua po- se artificial de presença. Presenças luminosas em fantasias de deuses. A ausência do Real causa neles exuberância por sua identificação abso- luta com a Máscara. Máscara que se colou inalienavelmente à pele, ao rosto de cada um. No Carnaval e fora dele. Simulacros de gente.

Como personagens distintas, apreendemos e incorporamos as máscaras do cotidiano para o trato com as coisas do mundo e com as pessoas. No difícil artifício dessas re- lações, o homem desenvolve meca- nismos de representação de si para os outros e, também, para si mesmo. São os *papéis* que permitem fazer reconhecer sua(s) qualidade(s), sua nomenclatura. O que se auto-apresenta e o que representa. Ali naquela mí- nima réstia, na fresta estreita que separa a carne (da face da pessoa) da máscara (da personagem) — neste lapso — acontece a vertigem de SER. A verdade e a farsa ou a falsa mentira. Nós, ocidentais, adoecemos e ficamos angustiados porque, muitas vezes, não conseguimos en- caixar as máscaras em nossa face ou, vice-versa, nossa cara na máscara. Assim se real/iza o não-absurdo Tea- tro da Vida.

Real, imaginário e fantasia no Carnaval de todo o dia. Nossas má- scaras criam vínculos com as outras máscaras (dos outros) e, de repente, aquelas expressões aparentemente artificiais e vazias começam a fazer sentido. Passam a se interrelacionar independentes — ou apesar — das pessoas que as sustentam enquanto personagens. Mais ainda: essas pér- fidias personas sobrevivem aos pró- prios sujeitos em carne e osso que as "vivem". Algumas vezes o perso- nagem mata a pessoa. Poucos, na análise de sua auto-imagem se dão conta de que "tirar a máscara", mais que desnudar-se, é se expor ao vazio de seu ser, à ausência, à falta. Pessoa simula pessoa, atores interpretam personagens. Parecer. Ser. Conhe- cer-se. Haja psicanálise!

Ilusões! Ah! ilusões. O homem não vive sem elas. Enquanto proces- sador de desejos que é, não se sub- mete à derrelição de suas ilusões. Pelo contrário, constrói obsessiva- mente no arcabouço de sua persona- lidade o seu Castelo de Ilusões e dele coordena seu Tempo e Lugares. O castelo — com suas altas muradas, pontes levadiças e areias movediças que o circundam — funciona como o corpo que protege e esconde o san- tuário — o segredo da persona sob a coraça, a indumentária e a má- scara sobre a fragilidade do espírito. O ator em pessoa e a pessoa no ator. É dali de dentro (profundo), de onde fala a alma, onde falha a farsa, cai a máscara, a persona falece e reve- la-se para si a Pessoa. O grito gutural primitivo renasce; prevalece o pré- verbal e se expõe expresso, carnal e nu — o corpo na carne — no carne- vá: Carnaval.

Edison Mercuri (suas máscaras): professor de Psicologia do personagem no Curso Superior de Artes Cênicas da PUC/PR, poeta, ex-artista plástico, semiologista, analista e estudante de antropologia.



josely vianna baptista

vá pro espaço
tem sempre uma supernova estrela no teto do teu quarto-e-sala
um brilho ausente a mais na órbita do teu olho
tudo super fértil super fácil super fóssil
múmia no museu de nossos corpos
pra quase-sempre suor
buraco negro línguas vivas
séptuor na capela sistina de tuas volúpias
belas

faça sol faça chuva
habitar teu paço com rendilhas
ir junto nessa brilhante sina

(((((leques se abrindo em flamenco acerto de movimentos.
suave é a noite, tua ausência sina.
entre o até e a próxima
minha memória amorosa cria ímãs afãs rimas))))))))

lusco-fusco
deixo o cixo
canto
o sexo dos banjos

livre se
vire se
lire se

revés for ever



Josely Baptista traduziu o *Paradiso* de Lezama Lima. *vá pro espaço* é uma letra musicada por João Carlos de Carvalho, o "Bandeira".

Uma vez por semana visitava a mulher. Para exaltar-se, dizia comovido. Ela acreditava e o recebia com torta de chocolate e licor de pêra, as frutas colhidas na horta. Os vizinhos discutiam os encontros raros, mas ela o queria sempre mais. Ele imaginando a vida difícil pedia desculpas pelo olhar, como se lhe assegurasse de que outro modo devo amá-la.

Comia a torta e rejeitava o resto. Ainda que ela insistisse. É por cerimônia, ela pensava escondendo-se em sua sombra. Chegou a preparar-lhe uma vez jantar de surpresa. A comida cheirava, as essências apenas abandonaram a China. Brilhavam os talheres e o aparelho comprado pensando no dia da festa, para quando ele abrisse os olhos encantado.

O homem fiscalizou apreciando. Sempre a julgara sensível à harmonia e à graça. Uma confiança que se instalou desde o primeiro instante, ao se conhecerem: no bonde ela havia esquecido o dinheiro da passagem, olhara em torno sem pedir socorro, ele pagou e disse baixinho eu também preciso de ajuda, ela sorriu e ele segurou sua mão, assustada ela consentira, e quando a deixou na porta protegida prometeu voltar no dia seguinte.

— Não insista, que não aceito o jantar. Tão natural, ele parecia um peixe corrigindo o mar. Ela chorou pensando entre tantos homens Deus destinou-me o mais difícil. Foi o único instante de fraqueza do seu amor. No outro dia recebeu rosas e o bilhete dentro só falava: amor. Ela riu arrependida, condenando a própria incontinência. Não o devia ter submetido a semelhante prova, que ele recusou herói. Na próxima visita amou-a com fervor de apátrida e repetia baixinho seu nome.

Uma vez desapareceu três meses sem carta, telegrama, ou telefonema. Ela pensou agora é a minha morte. Em torno da mesma mesa, a toalha pintada de roxo, que havia preparado num longo dia de sábado, a cama de lençol branco, pessoalmente ela os lavava evitando o anil em excesso, a casa enfim que ele deixou de freqüentar sem aviso. Percorria as ruas e a cada suspiro acrescentava:

— Que é da mulher sem a história do seu amor. Fizera o ginásio na cidade onde nasceu. Não quis ser professora. Desde pequena desejou casar-se. Sua única ambição. Temia o filho alheio extraindo-lhe uma força que os da própria carne mereciam. A mãe ainda protestou, precisavam de dinheiro. O pai perdera o emprego, a idade fazia-se obstáculo. Acabou ele no balcão da farmácia do padrinho. E a mãe cosendo para fora. Enquanto ela cuidaria dos serviços da casa, já que se recusava a lecionar. Foi



AVE DE PARAÍSO

NÉLIDA PIÑON

quando lhe encantou a cozinha. Mas a receita da torta veio mais tarde: Norma apareceu galante, vestido amarelo, pedindo ajuda para uma saia godê, modelo surpreendido na revista do jornaleiro da esquina. Ainda que julgasse Norma frívola, insistindo que a acompanhasse aos bailes onde se arrumava namorado depressa, jamais a censurou. Foi quando encontrou a outra, simples conhecida de Norma. Do curso de datilografia, ambas pretendiam trabalhar em firma americana. Visitariam mais tarde os Estados Unidos. Passeios na Quinta Avenida. Norma só pensava em oficial americano. Lamentando que já não nos visitassem como no tempo da guerra. A outra ouvindo, quase no final lhe perguntou:

— Você não quer vir?

Referia-se ao concurso para a firma americana. Fez que não com a cabeça. Teve vergonha de explicar que queria casar-se. Era mais fácil e seu coração inclinava-se para a tarefa.

— Já sei, com você, só receita de torta de chocolate, a outra sentenciou zangada.

Desta vez acedeu vibrátil.

Exigindo logo a receita com papel e lápis. E que a outra telefonasse para a mãe confirmando os ingredientes cuja ordem dependera da memória. Em casa, no regime de economia, não pôde experimentar. Mas consolava-se: logo que eu tenha amor faço-lhe uma surpresa. Acalentou sempre a esperança de que torta de chocolate fosse sobremesa de marido. Doce só valia para amor provar. Aquela simplicidade comovia Norma. Anos mais tarde quando se separaram e foi perdendo os amigos, seu destino era desistir do mundo para conservar o amor, Norma disse-lhe com a mão no ombro e nunca mais a viu:

— Isto tinha que acontecer a você.

Ainda quis explicar, provar-lhe o engano. Mas Norma foi andando sem olhar para trás, o jeito livre.

Quando ele voltou meses depois trouxe-lhe presentes, beijou-a tanto no cabelo, de cheiro que dizia ele ser de céu, fez-lhe ver a importância da viagem, não se arrependera de ter ido pelo prazer da volta. Ela julgou gentil o esclarecimento. Correu para a cozinha, antes que ele a levasse para o quarto. Com ingredientes necessários cuidou de atingir a perfeição. Não admitia o amor sem a torta os aguardar depois, especialmente em dia de festa.

Ele riu encantado com a extravagância, não se via com direito a reclamar. Também ele lhe reconhecia a liberdade. Esperou que terminasse. Veio ela então como lhe assegurando estou pronta para sua ausência difícil. Era sempre discreta nas coisas do amor e ele apreciava o recolhimento. Repudiaria um

proceder atrevido desmanchando para sempre a ilusão de a possuir como se ainda fosse a primeira vez. Intuindo, ela escondia a cabeça no travesseiro, as lágrimas delicadas. Ele gritava como servo do rei Artur:

— As mulheres são gratas! As mulheres são gratas!

A ciência deste aviso, ela interpretava. Recolhia as lágrimas entregando-se com pudor. Jamais recusara tais cenas. As vezes se repetiam na semana seguinte. Ele fingia não perceber que semelhante encanto ameaçava esgotar-se. Tudo fazia para renová-lo. Por isto tanto a amou naqueles anos. Sua fantasia também apoiava-se na estranheza. Adotava às vezes disfarces, barba e bigode falsos, cabeloira de outra cor. Vinha devagar dando tempo do povo suspeitar. E não para que pensassem que ela o enganava, mas apreciava iludir e rir em seguida.

Já ela exaltava-se submissa. Ainda sofrendo a sua ausência. O seu amor em dias difíceis agitava-se de tal modo que consultava a folhinha na esperança de que fosse dia de torta de chocolate, quando ele viria na certa. Até o fim do ano a folha registrava todos os dias de sua visita. Jamais ela sugeriu mudança de data, ou maior assiduidade. Respeitava aquele sistema.

No início do mês, porém, ele chegava mais cedo trazendo o dinheiro para as despesas da casa, e o mais que ela precisasse. Jogava em cima da fruteira, ainda que ali estivessem bananas, peras, maçãs que ela adorava imaginando-se entre a neve. Não sabia explicar, mas comendo maçãs sentia-se moça fina, de luvas "pécari" importadas, falando francês e lenço de seda na cabeça. O dinheiro ali ficava até ele sair. Após sua partida, ela o colocava perto do livro de missa. Ambos submetiam-se aos ritos.

Um dia ele disse: — Vamos sair de depressa porque nunca fomos ao cinema e como quero ir ao cinema com você antes de morrer, está na hora de cumprirmos minha vontade. Ela chorou de alegria abraçada a ele:

— Como você é meu, como você é meu!

Foram e não gostaram, ele classificando de obscenos os episódios de amor. Ela concordou, mas sua felicidade não a dispunha à insistência. Tomavam sorvete e ele reclamando. Ela lambuzou o vestido, foi aí que ele riu, gostava das suas intuições raras, o jeito de errar nas pequenas coisas.

A mãe a visitava duas, três vezes ao ano. Ainda cosia para fora. Perguntava discretamente por ele. Temia irritá-la. Nunca compreendeu aquele casamento. Na igreja ele lhe proibira o vestido de noiva alegando que a veste nupcial devia ser apreciada

só pelo noivo. Mas a surpreendeu com o vestido branco, véu e grinalda, quando se viram a sós no quarto após a cerimônia. Na primeira noite que iam desfrutar juntos ela lhe apareceu vestida como ele sonhou e ele fechou os olhos para abri-los depressa para ver se ela ainda estava ao seu lado, a mulher que ele queria e comovido falou no jeito que ela compreendia: você está linda, só falta o padre nos casar de novo. E quando no meio da noite se conheceram com o corpo ele pediu que ela repousasse porque ele é quem devia pendurar no armário o vestido de noiva comprado para ela, com nenhuma outra mulher concebia tais coisas, e ela nunca mais esqueceu.

Sempre pois que a visitava, a filha indagava pelo pai, como iam, jamais a convidando para ficar, ela que morava longe, viajava horas de trem para regressar à casa. Naquelas breves visitas, a filha de nada reclamava. Parecia encantada com o próprio estado. Nunca vira mulher mais feliz. Tinha às vezes vontade de perguntar: que horas ele chega. Ou retardar a visita a fim de surpreendê-lo quando viesse jantar. Mas a partir das quatro, a filha inquietava-se, erguia-se seguidamente a pretexto de tolices, fingia ocupar-se, ele tomava todo o seu tempo, garantia-lhe comovida. Na despedida a mãe sempre repetia:

— Bonita a casa de vocês.

Na semana seguinte adivinhando ele perguntava:

— E sua mãe, nunca mais veio vê-la? Ela fazia cara triste, agarrada a ele sussurrava: só tenho você no mundo. Ele a beijava e como pedindo desculpas dizia-lhe: — Quarta-feira próxima eu volto, está contente? Ela sorria, o rosto brilhante, os cabelos do modo que ele pedia. Os primeiros fios brancos. A todos ele respeitava pensando: esta é pura, esta é pura.

Um dia não resistiu. Chegou disfarçado, sua última tentativa de confundir os vizinhos. Em cada mão trazia uma mala. Ela sofreu antecipada aquela longa viagem. Ajudou-o como se ele estivesse cansado, a vida exigia demais dele. Trouxe-lhe água gelada, lamentando não dispor de uma fonte no quintal, haveria de efetivá-la de pedras, talvez uma imagem. O homem bebeu. Tirou o disfarce que jamais sofrera dela qualquer restrição. E assumindo fingida independência falou alto para que ela ouvisse.

— Terminou o tempo da provação. Desta vez eu vim para ficar.

A mulher escondendo a profunda alegria olhou o homem, em seguida correu para a cozinha. Ninguém a superava nas tortas de chocolate.

Nélida Piñon é autora de *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (Francisco Alves, 1961), *Fundador* (José Álvaro Editor, 1969), *A casa da paixão* (Sabiá, 1972), *Tebas do meu coração* (José Olympio, 1974), *A república dos sonhos* (Francisco Alves, 1984), entre outros.

UMA ESCRITORA SOB O SIGNO DA PAIXÃO

Rosse Marye Bernardi

Num ensaio dedicado às mulheres ficcionistas, publicado entre nós em *Um teto todo seu*, da Nova Fronteira — Virginia Woolf utiliza a própria metáfora do título para transmitir a sua concepção das qualidades indispensáveis a uma grande escritora: independência econômica e principalmente independência psicológica para que, transcendendo o meramente feminino, a mulher possa atingir o estado espiritualmente pleno, capaz de apreender, para além das diferenças entre os dois sexos, os mistérios da condição humana diante da vida.

Ao longo de sua carreira, Nélida Piñon conquistou esta independência com a força e a paixão que a fizeram declarar-se escritora antes mesmo de escrever qualquer livro — porque se sentia ativamente talhada para este ofício. Sua estreia se deu em 61 com o romance *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, e desde então a riqueza de seu imaginário, aliada à sua avidez pelo real (visto sempre sob suspeição), têm se cristalizado em obras expressivas que atestam a sua evolução e incontestável importância na literatura brasileira contemporânea.

Extremamente consciente do papel ético e político do escritor, Nélida tem tido uma participação efetiva na vida cultural brasileira. Militou ativamente como vice-presidente do Sindicato dos Escritores, foi professora em universidades brasileiras e na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, além de exercer uma constante atividade como conferencista no Brasil e no exterior. Em termos criativos, a atitude política de Nélida passa pela responsabilidade e respeito com que manipula a língua, considerada patrimônio de todo o povo que a plasmou com sua sensibilidade, sentimentos e contradições. Consciente do caráter social da linguagem, ela própria se diz "cada vez mais despojada de uma individualidade exacerbada, para ganhar, em troca, um rosto coletivo, uma função coletiva". Por isso, Nélida fecunda seus textos com estilizações e paródias de muitas linguagens e visões de mundo. Para melhor falar de homens e mulheres, a escritora, dominando seus próprios sentimentos, desaparece, dando espaço para múltiplos discursos que formalizados em contos ou romances têm sempre a forma justa, adequada à intensidade e agudeza da percepção e ao momento pessoal e histórico da criação.

A leitura de seus onze livros é uma experiência intransferível. Se os primeiros romances têm ainda o travo dos artificios e malabarismos verbais, eles são também a aprendizagem-gestação que frutificará no turismo dos contos de *Tempo das frutas*, 66 — o livro das várias maturidades, inclusive a estilística. Seguem-se os romances *Fundador* e *A casa da paixão* e com eles os prêmios Walmap, em 66, e Mário de Andrade, em 72, respectivamente. Era o justo re-

conhecimento da crítica a uma escritora que inovava a literatura, transgredindo sem temor a expectativa dos leitores, naquele momento muito mais atentos à voga dos textos documentais. Neste último livro, talvez o de escritura mais oniricamente sensual de toda a nossa literatura, a autora elabora uma espécie de metafísica do erótico. Assim, o corpo recuperando o mistério que o santifica, é visto, não apenas como a casa da paixão da protagonista Marta, que se descobre ritualizando e reatualizando o ato do amor, mas também como a casa do espírito, fonte de energia que, através da palavra, corporifica a narrativa. Desta mesma matéria se constrói *Tebas do meu coração*, romance de 74, verdadeira alegoria da criação. Nele, no espaço de Santíssimo, as personagens reconstruem a sua consciência e liberdade, mostrando a arte como forma de transformação do real.

Também densamente metafóricos, *Sala de armas*, 73, e *O calor das coisas*, 80, apresentam contos que metamorfosiam a simplicidade do cotidiano em situações ficcionais de pura invenção, porque desligadas de qualquer projeto realista. A arte de Nélida é preferencialmente o gesto leve, sutil, que faz do banal uma narrativa essencial. Mas ela também tem o dom de manejar com perícia as armas da ironia. *A força do destino*, 78, é um romance que, parodiando o libreto da ópera de Verdi, mostra muito mais que o virtuosismo estilístico da autora. Na dessacralização e reescrita do texto, a cronista Nélida faz implícita e explicitamente a crítica às superestruturas que engendram o imaginário de uma época, contestando assim a submissão do homem à linguagem (ideologia) dominante.

Seus dois últimos e alentados romances — *A república dos sonhos*, 84 e *A doce canção de Caetano*, 87, mostram que a autora também sabe elaborar com destreza a linguagem dos contadores de histórias. Na saga épica de *A república dos sonhos*, por exemplo, o tom oralizante dá vivacidade à aventura de Venâncio e Madrugá, resgatando do esquecimento, num ritmo gostoso e envolvente, o trabalho anônimo de tantos imigrantes que sonharam construir aqui a sua utopia. E a vida é mais uma vez a matéria-prima para a escritora. A personagem Breta, neta do galego Madrugá, depositária da memória do avô, encerra a obra prometendo transformá-la a narrativa em outra narrativa, tematizando assim a continuidade da história e os procedimentos estéticos.

Para seus leitores Nicolau oferece, com o conto "Ave de paraíso", um pouco da paixão e do refinamento da arte de narrar de Nélida Piñon.

Rosse Marye Bernardi, professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná, defendeu na USP a tese de doutorado *Dalton Trevisan, a trajetória de um escritor que se revela*

Guido Cavalcanti (1250-1300), amigo íntimo de Dante, que o baniu de Florença por tentativa de morte contra um inimigo político. Carinhosamente chamado de "Il nostro Guido", cortês e ousado, iracundo e solitário; filósofo, lógico, mestre do dolce stil nuovo, cuja arte influenciou o autor da Commedia. Compôs cerca de 50 poemas no vulgar toscano — investigações sobre o amor embebedas de platonismo e melancolia. Nele encontramos precisão, economia verbal: poesia que faz da claridade o ar tremar.



ILUSTRAÇÃO: RUI MARCELO SUTTILL

BALLATA IV GUIDO CAVALCANTI

Vedette, ch'io son un, che vo piangendo,
E dimostrandò
 il giudizio d'amore;
E già non trovo si pietoso core,
Che me guardando
 una volta sospiri.

Novella doglia m' è nel cor venuta,
La qual mi fa dolere e pianger forte;
E spesse volte avvien, che mi saluta
Tanto d'appresso l'angosciosa morte,
Che fa in quel punto le persone accorte,
Ché dicono in fra lor: Questi ha dolore;
E già secondo che ne par di fore,
Dovrebbe dentro aver nuovi martiri.

Questa pesanza ch'è nel cor discesa,
Ha certi spiritei già consumati,
I quali eran venuti pèr difesa
Del cor dolente, ché gli avea chiamati;
Questi lasciaro gli occhi abbandonati;
Quando passo nella mente un rumore,
Il qual dicea: Dentro biltà che more;
Ma guarda che biltà non vi si miri.

BALADA IV MAURÍCIO ARRUDA

Vede, sou aquele, que vai chorando
E demonstrando
 o juízo da paixão
E já não encontro piedoso coração
Que me olhando uma só vez suspire.

No peito nova dor vejo chegar
Faz-me sofrer e chorar forte
E tantas vezes me assalta, já a saudar
Cordialmente angustiosa morte,
Que nesta altura gente de gran porte
Chega a dizer: Este traz a dor
E pelo semblante delator
Dentro deve ter algo que o fere.

O peso no meu peito a descer
Possui espíritos consumados
Que assim vêm a proteger
Coração dolente — ao fim designados —
Mas deixaram os olhos abandonados
Quando pela mente um rumor passa
Dizendo: Dentro beleza desfaleça
Cuidai que a mesma não vos mire.

Maurício Arruda Mendonça é poeta e tradutor

1.º DE MAIO

A temática "movimento operário" tem sido uma das discussões mais ricas na historiografia, nos últimos vinte anos. Apesar dessa evolução, algumas publicações insistem no já cansado positivismo da neutralidade do fato histórico e acabam fazendo história fundada em impressões pessoais. O livro *1.º de Maio*, infelizmente, está inscrito entre essas obras.

De princípio observamos que as autoras não fizeram referências bibliográficas, históricas ou teóricas, donde concluímos que, ou basearam-se em suas experiências de vida — e são 100 anos de história! — ou copiaram e não citaram as fontes. De qualquer forma, o impressionismo é a marca registrada. Há momentos em que o leitor não sabe se pretendiam fazer um manifesto revolucionário — parodiando Marx — ou se um romance sobre a vida operária.

O livro todo é carregado de ufanismos. Repetidas vezes elaboram apaixonadas retóricas em louvor aos mártires operários, transformando as "suas" falas em verdades históricas. Caem, portanto, em um mecanismo muito próprio de um marxismo ingênuo, de contrapor o "verdadeiro", da ótica operária, ao "falso" da memória das elites, como em uma história de mocinhos e bandidos.

Comumente as autoras atribuem as suas falas de intelectuais marxistas ao movimento operário. Confundem as suas vontades revolucionárias com as práticas operárias e acabam construindo uma classe proletária forte e coesa, fruto exclusivo de suas imaginações férteis. Outras vezes cometem o disparate de transformar o *Diário da Tarde* — jornal da grande imprensa do começo do século — em porta-voz operária. Ao comentarem uma citação do *Diário*, que publica uma oração em louvor ao 1.º de maio operário, afirmam que "os discursos eloquentes transmitiam crítica ao sistema capitalista e à mutação da data em lazer" (pág. 46). Imaginar que a elite paranaense pudesse ser porta-voz da vontade operária e que tivesse interesse em uma "profunda crítica ao sistema capitalista", ou mesmo que criticasse os operários por terem transformado o 1.º de maio em dia de festa e não de revolução, é realmente algo muito complicado.

Através dessa leitura apaixonada e ingênua da prática operária, não conseguem mais do que uma descrição distorcida, onde os trabalhadores ora aparecem "donos" de um projeto revolucionário — como se alguma classe em particular fizesse história sozinha —, ora frágil e explorada.

É uma pena que um tema como esse, raramente pesquisado no Paraná, receba um tratamento tão pouco cuidado. Louvo as autoras pela pesquisa empírica das fontes, mas só boa vontade não é suficiente para fazer pesquisa histórica, é preciso um mínimo de método e de aplicação teórica.

LUIZ CARLOS RIBEIRO

ANAYDE

Foi este ensaio que serviu de base para o filme de Tizuka Yamasaki, *Parahyba, mulher macho*. Na década passada, época em que o cinema brasileiro se serviu de textos literários como matéria-prima para enredos, Heloísa Buarque de Hollanda cunhou uma frase para falar de filmes baseados em livros: "veja o livro, leia o filme", em que deixava evidente a necessidade de se levar em conta a especificidade dos códigos. Não é o caso do par *Anayde/Parahyba*, pois aqui os discursos são complementares.

O ensaio de José Joffily não se limita a recontar de forma linear a história de amor de Anayde Beiriz e João Dantas, tendo por pano de fundo a Revolução de 30.

O autor traça, de maneira fragmentada mas contundente, o quadro econômico, social e político da Paraíba dos anos 20, baseado em textos, documentos, depoimentos e sua própria memória, delineando aí a figura de Anayde, mulher que não se enquadrou no seu momento histórico.

Com um discurso apaixonado, que excede a objetividade dos fatos narrados, José Joffily quase chega a convencer o leitor de que a época é que estava em desacordo com o comportamento ímpar de Anayde.

Esse truque de ilusionismo se deve ao fato de Joffily enxergar o tempo de Anayde e João Dantas com o olhar da década de 70, época de discussões acirradas sobre o papel da mulher no mundo e sua interferência na ordem das coisas (o que de certa maneira informa sobre a demanda da pesquisa que gerou o ensaio e, posteriormente, o filme).

O livro tem o mérito, todavia, de contribuir com esclarecimentos sobre as circunstâncias do assassinato de João Pessoa e do suicídio de João Dantas, assassino do então presidente do Estado da Paraíba.

O texto é complementado enriquecedoramente por farta iconografia dos protagonistas e sua época.

ANAMARIA FILIZOLA

As mulheres são todas. Cesar Bond. Curitiba, Ed. do Autor, 1986. (À venda na Livraria Dário Vellozo/FCC, Praça Garibaldi, 7, Curitiba).

1.º de Maio, cem anos de solidariedade (1886-1986). Curitiba, Beija-Flor, 1986. Cz\$ 400,00.

Anayde: Paixão e morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro, Record, 1983. Cz\$ 390,00.



ILUSTRAÇÃO: VERA ANDRIÓN

TODOS OS SENTIDOS

As mulheres são todas, proclamou Cesar Bond em 1986. Não o fez antes porque, como sempre, faltava verba, embora não faltasse direito adquirido (em 81, premiado no Concurso de Contos do Paraná, seu prêmio também seria a publicação do livro). Ainda bem que sobrou vontade; afinal, emoção e gavetas não podem saturar. Resultado? Uma publicação artesanal de poéticas, prosas e traços de Geraldo Leão.

(In)definindo-se no tempo e no espaço, Cesar revela que as mulheres são todas experiências, possibilidades: palavras. Ele as entende de cor, som, imagem e as quer múltiplas de si; quando aparentemente prisioneiras, como em *entregue às chaves*, são mais do que nunca livres, assim: "(palavra)".

Os títulos não são simples referências; se dispostos em pares, sugerem novos poemas, na busca incessante de mais um significado. Nasce em *abril/aquilo*; na infância, o *segundo/enterrem*, ou *piá/na cabeça*; depois, *às voltas/três viúvas*. As vezes, é preciso indicar que *isso/não é para cima*, porque sendo a conversa profunda "af está o espinho". Mais tarde a *via crucis*, num *roteiro de mancha roxa na coxa*, e constantemente o inusitado, *pelos/soltando os cachorros*.

Verbos e traços se complementam na interminável possibilidade de leitura, cuja síntese poderia ser *isso tudo*: "toda mulher é mãe e todo homem é filho". Produção e reprodução; arco lançando flechas para um posterior recolher, pois, como sentenciava Octavio Paz, "O homem é inseparável das palavras".

As mulheres são todas em xerox; explodiria rebelde em cores e movimento, não fossem falsas as promessas. Mas, em *a morte do repolho*, Cesar diz que:

"tanto faz
contanto que tenha sido desejado
e digerido por todas as pessoas".

ANTÔNIA SCHWINDEN

CARTA NA PÁGINA

É muito importante esse contato com a cultura brasileira, através do jornal *Nicolau*, para uma estrangeira e afeccionada de sua literatura. Aceitem os meus votos de êxito permanente. Com a estima de **Pavla Lidmilova**, Praga — Tchecoslováquia.

Agradecemos todos os números recebidos, até aqui, de *Nicolau*, e esperamos poder continuar partilhando da leitura desse jornal cultural, uma vez que ele tem despertado vivo interesse de todos os frequentadores de nossa biblioteca. **Université de Paris — Sorbonne**, (Institut D'Études Portugaises et Bresiliennes), Paris — França.

Venho recebendo, regularmente, o *Nicolau*, desde o primeiro número. Vida longa ao tablóide, que se pode dizer excelente! Seus editoriais são de um verdadeiro escritor. Meus parabéns que estendo ao sr. secretário da Cultura, jurista — o jurista da ecologia brasileira — **René Dotti**. Trata-se, além do mais, de uma publicação aberta a todos os temas — o que sobremodo a caracteriza e diferencia de outras do mesmo gênero no país. Gostaria de ver entrevistado, em *Nicolau*, o tremendo poeta **Jamil Snege**, **Pedro Borges de Rezende**. São José do Calçado - ES.

Minha ligação com Curitiba vem de longe. Atualmente, com o excelente *Nicolau*, penso que tal ligação tenha se tornado mais forte. Recebi o jornal até o princípio deste ano, em Lisboa, de onde enviava cartas para o "Caderno 2" de *O Estado de S. Paulo* — e em anexo segue uma delas, na qual comento justamente a qualidade do *Nicolau* (e que foi publicada antes do "Caderno 2" dedicar-lhe uma página inteira). **João Francisco Duarte Júnior**, Campinas - SP.

Oxalá os muitos elogios não façam o *Nicolau* perder o senso de autocritica, indispensável aos seres imperfeitos e egocêntricos como sói acontecer com o *homo sapiens*. Há muitas imperfeições, mas quem não as tem? O *Nicolau* deveria clamar o Paraná a colaborar e a sugerir. **Jorge Baileiro de Lacerda**, Francisco Beltrão - PR.

Tenho acompanhado o jornal de vocês desde o surgimento e tenho gostado muito. É sem dúvida o que de melhor pintou na imprensa paranaense nos últimos tempos. Queria apenas cumprimentar vocês pelo sucesso merecido. **Mário Bortolotto**, Londrina - PR.

Gosto de *Nicolau* mas tenho muitas críticas a tecer sobre o tablóide: faltam assuntos mais picantes, como Aids, prostituição, drogas, homossexualismo. O jornal, em minha opinião, poderia assim dar provas de que veio mesmo para fazer a "revolução" e não as "reformas" que vocês estão fazendo. De qualquer modo, já é alguma coisa. **Marisa Alves Cordeiro**, Curitiba - PR.

Estamos chegando para trabalhar aqui no Paraná há pouco mais de 5 meses e já nos tornamos gente da casa. Muito já sabemos sobre este grande Estado, mas muito ainda é o que desconhecemos desse povo. E a melhor maneira é lendo, principalmente jornais e revistas daqui, o que tem sido sobretudo com o nosso grande *Nicolau*. Parabéns. **Hilário P. Milanesi**, Guarapuava - PR.



Sou estudante de jornalismo e tomei conhecimento de *Nicolau* numa viagem que fiz a Foz do Iguaçu. Acho o jornal inteligente e sério. Adorei sobretudo a parte literária. **Mara Lúcia Freire Gomes**, Rio de Janeiro - RJ.

Um colírio para os olhos esse projeto cultural! que deu certo na língua e cultura. Em ritmo de mudanças encontrei em Londrina o rei das Selvas, e ele me disse que era o crioulo/lobo do homem na terra bonita (Ibiporã)! Levei um papo com Elifas Andreato/nas asas da tradução conheci Denise Guimarães/Erótica/ Paulo Leminski/Rodrigo Garcia Lopes/ Alice Ruiz/ Eduardo Ribeiro/Nelson Capucho/ Helena Kolody/ Alberto Cardoso/ Alberto Puppi/ Wilson Bueno/ Wilson Bueno!!! **José Moreira da Silva**, Loanda - PR.

Estou recebendo *Nicolau* aqui do outro lado do mundo. Está ótimo. Mãe, mande mais, muito mais... **Hélio Galvão Ciffoni**, Okinawa - Japão.

Queremos informar que *Nicolau* é de grande utilidade para os trabalhos desenvolvidos nas Oficinas Culturais Três Rios, bem como já passou a integrar o acervo de nossa Central de Documentação. **Pedro José Braz**, (Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo), São Paulo - SP.

Nicolau: tão renovador, tão imparcial, tão aberto a todas as reflexões. Como são chatas estas publicações que se engajam numa vanguarda profissional, e que acabam despistando o interesse do leitor simplesmente humano! *Nicolau* consegue ser extremamente moderno, sem estar preso a geometrias mentais. Que bons poetas vocês estão conseguindo desencavar aí! Não se esqueçam: em setembro faz 20 anos da morte de **Lúcio Cardoso**. **Walmir Ayala**, Rio de Janeiro - RJ.

Curitiba pareceu-me, quando de uma visita que fiz à cidade, ali por 77 ou 78, uma cidade de poetas. O *Nicolau* reforça muito isso. Acho que é uma questão de nível, altíssimo. Aliás, vocês vivem na única cidade do mundo (creio) onde um bom penalista consegue ser secretário de Cultura; isso é mais do que um bom sinal, é uma sorte. **Virgílio Mattos**, Belo Horizonte - MG.

Quanto ao *Nicolau*, só posso dizer que ele é demais de bom. Um senhor jornal. Li na seção de cartas que o jornal tem o pique das publicações alternativas dos anos setenta, que deixaram tanta saudade na gente. Acho que o leitor tem razão, apesar de *Nicolau* ser bancado por organismo oficial, ele consegue a (rara) façanha de ser superdinâmico, investigativo, pra cima. **João Antonio B. Almeida**, Itapeva - SP.

Desde os gloriosos tempos simbolistas, com suas arrasadoras revistas literárias, o Paraná não conhecia um projeto gráfico/editorial/visual de tão boa qualidade como o *Nicolau*. É um jornal de altíssimo nível. Muito bom mesmo. Estão todos de hiperparabéns. **Ricardo Corona**, São Paulo - SP.

Congratulações pela qualidade das matérias publicadas em *Nicolau* e pelo elevado nível de apresentação gráfica. Pelo que vejo, o secretário **René Dotti**, da Cultura, está dando uma revirada nas práticas oficiais de cultura. **Nilo Batista**, Rio de Janeiro - RJ.

Obrigado por *Nicolau*. Um excelente jornal: texto de prazer. Uma lição de como se pode fazer um jornal cultural. Vocês estão prestando um grande serviço à cultura brasileira. **Carlos A. Azevedo**, Berlim Ocidental — República Federal da Alemanha.

Satisfações, acima de tudo, em poder me dirigir a este maravilhoso "porta-voz da cultura" que é *Nicolau*. O único já visto por mim em 30 anos. Continuem em frente! **Misael Gonçalves**, Londrina - PR.

Sou paranaense e moro em Porto Alegre há alguns anos, mas a saudade da terra permanece e para tal só tenho encontrado um remédio: ler o *Nicolau* mensalmente. Sinto grande orgulho por podermos contar aí com uma equipe tão brilhante, a serviço da cultura. Muito sucesso a todos. **Maria Cristina Serur**, Porto Alegre - RS.

Continuo recebendo este fantástico *Nicolau*, sempre com renovado prazer. Mas uma coisa gostaria de registrar: sinto um vazio muito grande de alguns bons "alternativos" que continuam hibernando ou já foram sepultados. A imprensa nanica está cada dia menor e corre sério risco de extinção. Não há luz no fundo do túnel (do poço). **José Carlos de Souza**, Salvador - BA.

Um dia consegui ler o *Nicolau*, não por ser chato, mas por ser disputado. Explique: o tablóide passou por *doze pessoas* e valeu a pena esperar. Por isso gostaria de receber mensalmente, em meu endereço, a publicação. **Maurício Arcaño**, Nova Lima MG.

Excelente o trabalho de vocês, com *Nicolau*. Parabéns! Torcemos para que *Nicolau* continue entre nós, de norte a sul, trazendo o melhor da cultura brasileira. **Rosa Prado** (Imprensa Oficial do Ceará). Fortaleza - CE.

Nicolau vem se destacando como expressão cultural de nosso povo e, sobretudo, de nossa gente. Louvo tão brilhante iniciativa de nosso excelentíssimo governador **Alvaro Dias**, que num esforço conjugado com o prof. **René Dotti**, tem trazido um pouco de cultura ao povo paranaense. Que meus louvores sejam extensivos a todos que de uma forma ou de outra têm lutado por essa tão expressiva realização, que já começa a despertar a atenção de intelectuais de todo o Brasil. **Vicente Viana**, Londrina - PR.

Lindo, maravilhoso, fora de série o nosso *Nicolau*. Enfim, o Paraná mostra ao Brasil a que vieram os seus poetas, contistas, ensaístas, jornalistas. Beleza! Torço, todos os dias, para que *Nicolau* continue espalhando a nossa cultura que nada fica a dever aos grandes centros. **José A. Lopes Martins**, Ponta Grossa - PR.

Nicolau é um jornal/revista/tablóide/veículo cultural/suplemento, mas, sobretudo, é um extraordinário exemplo para os outros estados da Federação. Parabéns. Não escrevi antes pois tinha medo de que *Nicolau* morresse do mal dos 7 números, como tantos outros (falecidos) suplementos... **Renato José Costa Pacheco**, Vitória - ES.

Conheci *Nicolau*, e... pá! Foi orgasmo à primeira lida. Li, reli, gostei, gostei de novo e tô a fim de receber regularmente esse verdadeiro "orgasmo literário". **Gilberto Sena**, Belém - PA.

Nicolau está muito bom. Mas vocês não devem parar por aí; ainda podem fazê-lo melhor, tornando-o mais ecumênico, quero dizer, indispensável também aos não-paranaenses (sem no entanto afastá-lo de um subtítulo implícito que seria o momento-cultural-brasileiro-olhado-do-Paraná). Mas já está muito bom assim. Parabéns! **José J. Veiga**, Rio de Janeiro - RJ.



As cartas dirigidas ao *Nicolau* poderão, por clareza e espaço, ser editadas resumidamente. Escreva, opine, sugira.
Rua **Ébano Pereira**, 240
CEP: 80.410 Curitiba — Paraná.

T . A . K . O



"AO CIDADÃO DESPROVIDO DE RECURSOS FINANCEIROS SERÁ CONCEDIDO, TOTAL E IRRESTITAMENTE, A LIBERDADE DE INICIATIVA (NA) PRIVADA."

—Marx, Groucho



"TODO HOMEM TEM DIREITO A SEU QUINHÃO NO BOLO DO CAPITAL SOCIAL - EXCETO OS POBRES EM GERAL."

—Marx, Groucho



MAI
RISE
MAN
IOEL

*MAIS EU DEIXO ALÉM
RECEIO O DESCASO PELO QUE
NÃO TEM
NOME*

*APRENDI A DIZER
O MEU
MARISE MARIE-LOUISE
LÁ*

ONDE NÃO SOU ESPERADA

*REESCREVO A PALAVRA DADA
E VERSO À FORÇA DE NO PLURAL
EXERCITÁ-LA*

*ESCREVO NO EXTREMO ACESO
DA PALAVRA NADA*